



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RAYSSA VIDAL MACEDO DE BRITO

**A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NO COMPORTAMENTO DAS
MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA**

Brasília

2019



RAYSSA VIDAL MACEDO DE BRITO

**A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NO COMPORTAMENTO DAS
MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Tecnologia e Ciência Sociais Aplicadas - FATECS

Orientação: Prof.a Dra. Ana Paula Borba Gonçalves Barros

Brasília

2019

Agradecimentos

À minha família pelo apoio incondicional, pelo amor e cuidado que sempre tiveram.

À minha orientadora Ana Paula Borba pela dedicação, parceria e paciência em ensinar que me levaram a cultivar um grande amor pelo urbanismo e pela pesquisa.

À Bruna Pereira, Rafael Toneline, Maria Paula Teófilo, Isabela Nogueira e Lucas Dias pelo companheirismo, amizade e ajuda em toda a pesquisa.

A professora Rossana Sapena pela contribuição no campo da pesquisa e o auxílio durante o processo.

Ao assistente social Newton Souza pelo companheirismo e auxílio durante às saídas de campo.

À todas as participantes que se disponibilizaram e foram imprescindíveis para a evolução da pesquisa.

A autora Camila Potyara por ter me orientado durante o processo construtivo da pesquisa.

Aos coletivos Barba na Rua e Bsb Invisível pelas orientações e conhecimento à respeito do tema abordado.

Aos professores, amigos e colegas do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Ao UniCEUB e CNPq pelo incentivo à pesquisa.

Resumo

Sabe-se que a morfologia dos espaços interfere nos deslocamentos em geral realizados nas cidades, no entanto, não há estudos específicos que afirmem se, e como, este aspecto pode interferir na vida urbana das pessoas em situação de rua, em especial, das mulheres. É neste contexto que este trabalho visa compreender a influência dos espaços públicos inerentes ao espaço modernista no comportamento das mulheres em situação de rua, especificamente no Plano Piloto de Brasília. Para tanto, foram realizadas entrevistas com mulheres enquadradas em cinco perfis distintos – solteira sem filho, solteira com filho, casada grávida, casada com filhos e idosa com deficiência – cujo enfoque foi dado na maneira como ocorrem os seus deslocamentos a pé no Plano Piloto. A partir das descrições coletadas foram gerados mapas de trajetos, o que proporcionou verificar como tais mulheres utilizam as áreas da cidade. Verificou-se, portanto, que com base neste pequeno escopo da pesquisa, que a medida que a estrutura familiar aumenta, a abrangência nos deslocamentos se reduz, bem como as dificuldades no ir e vir, no caso da gravidez e da deficiência. Observou-se ainda que ao se realizar a análise das áreas compreendidas pelo deslocamento destas mulheres, a área do Setor Comercial Sul e seus arredores é a que concentra todos os perfis englobados no estudo. Assim sendo, concluiu-se que a depender da constituição familiar das mulheres em situação de rua, a área de abrangência dos seus deslocamentos pode sofrer alteração possivelmente por se tratar de espaços urbanos pouco amigáveis, haja vista haver muitos vazios urbanos, o que provoca, de certa maneira, sensações incômodas, tais como o medo. Deste modo, pode-se inferir, para o escopo desta pesquisa, que a forma modernista acaba por interferir na maneira como as mulheres em situação de rua se deslocam no Plano Piloto de Brasília. No entanto, de modo a ratificar tal metodologia, caberia, em estudos futuros, ampliar a aplicação desta metodologia qualitativa para um maior número de perfis, bem como realizar uma análise comparativa em cidades com formas urbanas distintas, tais como as orgânicas e as ortogonais.

Palavras-chave:

Morfologia urbana. Mulheres em situação de rua. Plano Piloto de Brasília.

Sumário

1. Introdução	1
2. Objetivo	2
3. Pressupostos Teóricos	3
3.1 Cidades Tradicionais	3
3.2 Cidade Modernista	7
3.3 Vida nas Ruas	11
4. Metodologia	12
4.1 Caracterização da área de estudo	13
4.2 Levantamento de amostras	14
4.3 Entrevistas	14
4.4 Criação de mapas	16
4.4.1 Mapa de dimensionamento	16
4.4.2 Mapa de tipologias de uso	17
5. Análise dos resultados	18
5.1 Mapas das áreas	18
5.2 Mapas de usos	27
6. Considerações Finais	34
6.1 Conclusões	34
6.2 Recomendações	35
7. Referências Bibliográficas	36
8. Apêndice	38
8.1 Questionário	38
8.2 Entrevistas	40
8.2.1 Dona Leila	40
8.2.2 Giovana	42
8.2.3 Andressa	44
8.2.4 Mariana	46
8.2.5 Soraya	50
8.3 TCLE	55

1. Introdução

A morfologia urbana de Brasília é conhecida mundialmente por apresentar características modernistas – com vias largas e retas, rígida segregação dos usos, edifícios isolados e grandes espaços vazios, arborizados ou não –, que fomentam grandes deslocamentos, na maioria das vezes realizados por transporte individual motorizado, bem como, acabam por desestimular as relações interpessoais que normalmente são estabelecidas nas ruas (MAGNANI, 1993; JACOBS, 2000; GEHL, 2010).

Há autores, como Gatti e Potyara (2011), que acreditam que tais características morfológicas são aparatos de estratégias militares, com argumentos de controle social, segurança e melhor "governabilidade". O autor afirma ainda que a proposta de igualdade entre seus habitantes – conceito oriundo da Carta de Atenas de Le Corbusier (1993), em que Lúcio Costa desenvolveu os preceitos urbanísticos contemplados no Plano Diretor – se oculta ao perceber uma estruturação urbanística excludente e elitista, permitindo a boa vivência apenas ao que conseguem sobreviver aos altos custos da cidade.

As consequências das características morfológicas segregacionistas refletem na realidade de todos os seus residentes, inclusive na realidade das pessoas em situação de rua, parcela social ignorada pela sociedade, que se desvirtua do perfil demandado pelo espaço, mas que precisa ser estudada com maior profundidade.

É neste contexto que a presente pesquisa se insere e pretende responder a seguinte questão de pesquisa: a morfologia dos espaços urbanos interferem no comportamento das pessoas em situação de rua, em especial, as mulheres? Se sim, de que maneira?

2.Objetivo

2.1 Objetivo Geral:

Compreender a influência dos espaços públicos inerentes ao espaço modernista no comportamento das mulheres em situação de rua, especificamente no Plano Piloto de Brasília.

2.2 Objetivos Específicos:

Elaborar entrevistas com intuito de investigar as particularidades e experiências individuais, para compreender as convergências e divergências do grupo analisado.

Identificar as características dos espaços públicos que afetam o comportamento das mulheres em situação de rua;

3. Pressupostos teóricos

3.1. Cidades Tradicionais

Na pré-história, a necessidade primária por alimentos e água pela sobrevivência, constituía o comportamento nômade da humanidade. Ao longo das eras, o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência dos Homo sapiens como criação de instrumentos e métodos de caça e armazenamento de água e alimentos, explicava a mudança comportamental, transformando-se em uma cultura sedentária (PINSKY, 1994).

Os preceitos sedentaristas desvendavam mecanismos que facilitavam a permanência dos humanos, como se assentarem próximos a rios, em terras férteis, onde pudessem desenvolver atividades agrícolas, domesticação de animais, gerando um senso de comunidade e formando pequenas vilas, onde posteriormente tornam-se cidades. Diante das mutações coletivas abordadas por Pinsky (2011), a configuração da cidade se molda de acordo com os reflexos socioeconômicos e culturais.

A tipologia de organização das cidades tradicionais foi compreendida por Carvalho (2009), com a queda do Império Romano e o início do Renascimento, época na qual a mudança da mentalidade social influenciou diretamente na estruturação urbana.

De acordo com Carvalho (2009), o desenvolvimento do comércio interferiu lentamente no antigo estilo de vida agrário, ao trazer novas temáticas econômicas, estimulando o êxodo rural e criando novas perspectivas de vivência. Por tanto, a composição da cidade ampliava-se de acordo com as necessidades exigidas pelas atividades econômicas e de defesa, cujo a escolha de fatores físicos como colinas, proximidade a rios e lugares de difícil acesso para invasões eram primordiais para a continuidade de utilização do espaço.

As consequências dos aspectos físicos refletiam na adaptação construtiva para o desenvolvimento urbano, onde o traçado tortuoso na topografia irregular tornou-se característica das cidades tradicionais. (CARVALHO, 2009).

Seguindo o pensamento de Carvalho (2009), as cidades de caráter orgânico possuíam formação elíptica e radial pela facilidade de estratégias de proteção. Instituições administrativas e políticas coletivas concentravam-se ao centro, para a centralidade e formas de organização social mas não utilizando esse preceito como regra.

Por outro lado, as cidades ortogonais desenvolviam preceitos de caráter mais racional, onde traziam uma morfologia urbana mais padronizada, com separações territoriais semelhantes, desenvolvendo traços mais geométricos em topografias menos íngremes, contradizendo a tipologia das cidades orgânicas.

No início do século XX, segundo Ianni (2001), o processo de globalização se estabeleceu nas grandes cidades, mesclando as necessidades dos grupos formados ao longo da construção social, em distintas estruturas, níveis e graus. Essa sistematização polariza as classes, intervindo diretamente na identidade dos espaços, trazendo relação com as sensações (pertencimento, desintegração, hierarquia) da população com a cidade, classificando a simbologia da cidade dos lugares e não-lugares (AUGÉ, 1994).

Partindo do princípio de Augé (1994), os lugares são os espaços físicos propostos e os não-lugares são as disposições dos grupos sociais, ou seja, sua posição de usuário, cliente, passageiro, ouvinte, anonimato, independente da pessoa essencial, mas como cidadão. Essa heterotopia, termo utilizado por M. Foucault, é o reflexo da reação dos não-lugares, em que os fatores de polarização de classe, gênero e raça são determinantes para compreender o comportamento como indivíduo e como comunidade.

A percepção da vivacidade de uma metrópole dar-se por combinações complexas de usos urbanos conciliada a pluralidade dos usuários. O conceito de segurança, interação de usos e contato entre os públicos é ocasionado pela interação de usos onde a composição de pequenos elementos socialmente atrativos potencializam a urbanidade da cidade (JACOBS, 2001).

A ideia de Jacobs (2001) sobre o planejamento urbano engloba a compreensão da cidade como resultado de carências, desejos e ambições sociais e temporais, em

que a racionalização do planejamento urbano que desconsidera a escala humana, fatores sócio-econômicos, históricos, com senso de pertencimento, manifestações de diversidade e complexas necessidades coletivas, geram vivências monótonas, rígidas, isentas de qualidade de vida para a comunidade.

A percepção da vivacidade de uma metrópole dar-se por combinações complexas de usos urbanos conciliada a pluralidade dos usuários. O conceito de segurança, interação de usos e contato entre as pessoas é ocasionada pela interação de usos, na qual a composição de pequenos elementos socialmente atrativos potencializam a urbanidade da cidade.

Progredindo o discurso de Jacobs (2001), quatro condições consideradas indispensáveis foram propostas como geradoras de diversidade, quando aplicadas conjuntamente, alimentam a experiência social, tornando a vivacidade da cidade mais saudável.

São elas:

1. O distrito, é sem dúvida o maior número possível de segmentos que o compõem, deve atender a mais de uma função principal; de preferência, a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura.

2. A maioria das quadras deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes.

3. O distrito deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta.

4. Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá.

Desmembrando as condicionantes propostas, foi possível observar os efeitos decorrentes das associações aplicadas ao planejamento urbano, no qual Jacobs (2001) explica que o estímulo da diversidade humana motiva mais diversidade.

A necessidade de usos combinados influencia na maneira dos usos variados do espaço pelas pessoas, trazendo mais variedade e atrativos para os usuários. Motivação pela qual induz a um aumento de fluxo populacional, que usufrui a cidade de múltiplas maneiras, gerando menos insegurança e mais expressividade a vivência coletiva.

A tipologia e metragem do traçado urbano se integra à concepção trazida por Jacobs (2001), em que a implementação de curtas quadras e um planejamento de ruas cruzadas e dinâmicas são essenciais para o estímulo do caminhar, sob a qual intensifica a atração por parte dos usuários durante o trajeto (fator estimulante à economia), minimizando a sensação de monotonia e cansaço durante a rota traçada. Os extensos perímetros das quadras projetam longos intervalos entre os percursos, tornando a segregação física motivação para a segregação social e inibição econômica por impedir o desenvolvimento de combinações confortáveis de uso.

A variabilidade construtiva encoraja a dinamicidade econômica, na qual a presença de edifícios de diferentes épocas, estilos e estado de conservação, amplia as condicionantes de custos, ampliando a acessibilidade de pessoas em diferentes contextos financeiros.

3.2 Cidade Modernista

Aclamada pelo universo modernista, Brasília, como a cidade planejada, possui um imponente título de representação de um estilo arquitetônico, o qual mudou todo o rumo do contexto de planejamento urbano (SOBREIRA, 2007).

Com percepções racionais, o desenho arquitetônico da cidade se inicia na escala macro, determinando as funções, localização de bairros, setores, implantação do tráfego viário motorizado de velocidade rápida, como relata Gehl (2010).

Seguindo tais perspectivas, os complexos desenhos para grandes deslocamentos viários, áreas verdes sem intenção de permanência, forte setorização das funções, mostram que o planejamento de escala pequena, voltado para as pessoas, pequenos deslocamentos e intenção do uso da rua além de um local de passagem e paisagem de impermanência, foi deixado em segundo plano, de acordo com a situação sociopolítica da época. (GEHL, 2010)

Os efeitos da composição que segue os preceitos das Carta de Atenas (1941), refletem no comportamento dos moradores da região, na qual entende-se que a locomoção pela cidade só se torna agradável se for utilizado transportes motorizados particulares, diminuindo o fluxo de pessoas pelas ruas.

Magnani (1993) expõe a resultante do desenvolvimento das cidades modernas que dificulta as relações e interação da diversidade entre pessoas e como a experiência nas ruas formam o caráter social e individual de um espaço. A defesa da variedade de pessoas nos espaços urbanos, influencia na necessidade do olhar aos grupos desconsiderados pela sociedade, que também tem direito à cidade.

Investigando mais a fundo as condições sociais, o autor relata que, fatores simbólicos e espaciais também são motivações formadores de grupos. De acordo com o estudo de Magnani (1993), busca-se trazer a esfera de bairro, em que há homogeneidade de perfis, para a situação das pessoas em situação de rua, na intenção de verificar como ocorre a organização dos grupos no que tange os aspectos espaciais. Em outras palavras, as pessoas em situação de rua podem influenciar tanto o espaço físico, quanto o contrário (HOLLANDA, 2002).

Dito isso, é necessário analisar como ocorre esta influência mútua, e como esta pode ser utilizada para melhorar o espaço de modo a atingir todos os atores da sociedade de forma positiva.

No tangente aos aspectos da vida urbana, não se pode deixar de citar que a ausência da diversidade de usos nos espaços, muito comum na área de estudo, fomenta a ausência de pessoas nos espaços, que, conforme afirma Jacobs (2001), ocasiona a morte das cidades. E, em muitos casos, verifica-se que a presença de pessoas em situação de rua, fica concentrada em espaços ermos, com pouco ou nenhum movimento.

Complementando tal ideia, Gehl (2010) afirma que espaços com baixa ou sem qualidade, faz com que estes não sejam atrativos ao movimento de pessoas, tornando-os sem vida. Isto acaba por ser mais um fator de atração de grupos de pessoas em situação de rua, ao mesmo tempo que repele as demais pessoas, consideradas, por assim dizer, aceitas pela sociedade.

A classificação das tipologias dos espaços, retratada por Magnani (2003), exclui os múltiplos ângulos trazidos pela simbologia do lugar. Considerando as características arquitetônicas e urbanísticas de Brasília, o planejamento abordado limita os códigos estabelecidos pelo espaço, restringindo a diversidade de públicos, abrangendo uma sensação de conforto e acolhimento apenas a parcela social que consegue mantê-lo economicamente, excluindo os demais que não fazem parte dessa bolha socioeconômica.

O exacerbado número de lugares em média e grande escala, com funcionalidade limitada à paisagens para os motoristas automobilísticos, a fragilidade de planejamento para o uso dos espaços públicos para permanência e locomoção em escala micro, a ausência da sensação de pertencimento e barreiras indireta à permissão do uso dos lugares apenas a uma parcela social, exime o contato entre as bolhas sociais, fortalecendo o caráter heterogêneo, segregacionista e elitista abordado por Gehl (2010),

De acordo com o plano diretor, escrito por Lúcio Costa (1957), Brasília foi projetada baseada nas quatro escalas: gregária, bucólica, residencial e monumental. Fator eminente que se destoa do perfil das cidades tradicionais, pela falta de um centro, de um ponto referencial, já que a convencional combinação dos elementos de um centro foi desmembrado ao perímetro da cidade.

A separação das atividades e práticas que ofertam a pluralidade e vivacidade dos lugares, quebram a concepção de criação de trajetos, onde as zonas vão além do mecanismo de identificar as rotas apenas como passagem e/ou pontos de aglomeração (MAGNANI, 1993).

A Rodoviária do Plano Piloto é um dos poucos ambientes públicos brasiliense onde propõe uma certa multiplicidade de tipologias de usos, trazidas por Magnani (1993), cujo a variedades de comércio formais e informais, ponto de referência de transportes públicos em direção às regiões administrativas e entorno, órgãos governamentais, entre outros, fomentam a diversificação de públicos, consequentemente, um vigor à cidade.

Entretanto, o caráter do espaço como utilização de passagem e estratégias de “limpeza social”, por parte da segurança local, repelem a permanência de pessoas em situação de rua, expondo a sensação de não pertencimento a essa região da cidade. Ideia trazida por Jacobs (2001), na qual retrata que o conjunto de códigos apresentados ao espaço, determina o êxito das combinações complexas, traduzindo quais atividades e sentimento devem-se expressar em determinado espaço.

O Setor Comercial Sul expõe em uma escala mais ampla, o potencial que a cidade possui para uma renovação dos conceitos segregacionistas. A área acolhe comércios, escritórios, ambulantes, pedestres, ciclistas, moradores de rua, músicos, entre outros, ao longo do dia e à noite, com a ressignificação de algumas zonas, novas propostas de entretenimento, festas, estimulando à ida de novos usuários e comércios formais e informais, manifestando uma necessidade por parte dos brasilienses, demonstrando a possibilidade de ressignificar os espaços públicos da cidade racional, conforme afirma Gehl (2010).

Entretanto, a cidade vai além de pontos referenciais específicos, onde ocorrem a diversificação de frequentadores. Magnani (1993) explica que os questionamentos expõem que a premissa do vigor dos espaços, além dos pontos aglomerativos e ampliação de usos, mas também expressa o conceito dos trajetos, onde se desenvolve através da necessidade de classificar os fluxos do espaço, criando uma identidade individual e coletiva do espaço físico e sensorial, demonstrando que os trajetos não são feitos de forma aleatória.

A ideia da compreensão dos trajetos admite pensar sobre as probabilidades das escolhas pessoais com as possibilidades oferecidas pelo espaço externo, baseadas nas relações interpessoais, físicas e sensorial. Dito isso, entende-se que a configuração urbana, com seus espaços de permanência, vazios, paisagem urbana e divisão de usos, consegue discernir o público alvo das áreas públicas, como descrito por Magnani (1993).

A compreensão do comportamento individual reflete além do espaço físico, pois este pode ter várias angulações e representações que nos fazem questionar a respeito da classe mais excluída do contexto social, os reais vivenciadores da cidade, e como os espaços públicos influenciam no seu comportamento, já que é previsto pelo Estatuto da Cidade (2001), Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana que todo brasileiro tem de usufruir da estrutura e dos espaços públicos de sua cidade, com igualdade de utilização.

3.3 Vida nas ruas

A vivência das pessoas em situação de rua é considerada a mais destoantes das bolhas sociais presentes nas grandes metrópoles. É de grande importância entender a heterogeneidade desse grupo, quais as estratégias de cada subgrupo, em busca pela sobrevivência. Segundo Gatti e Potyara (2011), o processo de composição dos trajetos feitos e locais de escolha no plano piloto para a permanência, são distintos das probabilidades de escolhas das pessoas em situação de rua nas grandes cidades brasileiras.

Outro fator gerador de questionamentos é a destoante distinção de gêneros em questão de números. Os autores Quiroga e Rodrigues (2009) mostram que, 18% dos vivenciadores das ruas são do sexo feminino, contrapondo os 82% do sexo masculino. Ao fazer o comparativo com os estudos de Gatti e Potyara (2011), as informações se assemelham, já que a porcentagem do sexo feminino aumenta em apenas 3% em relação à pesquisa anterior.

Quiroga e Rodrigues (2009) relatam que as diferenças na estratégia de sobrevivência do sexo feminino são distintas do masculino, pela maneira de como a mulher é vista socialmente, especialmente quando as mesmas já estão inseridas em um grupo tão discriminado.

A classificação de intitulações de seres frágeis, incapazes e objetos de fetichização, são algumas das nomeações mostradas por Quiroga e Rodrigues (2009), que as expõem em maior nível de insegurança e modificações em algumas estratégias, não sendo necessárias para o sexo oposto.

Mediante a análise a respeito desse subgrupo, percebeu-se a dificuldade de encontrar dados específicos a respeito das experiências vividas por elas, e as poucas informações são tratadas de maneira homogênea à vivência dos homens.

4. Metodologia

4.1 Caracterização da área de estudo:

O traçado modernista do Plano Piloto, área de aplicação da pesquisa, expressa a visão funcionalista pregada por Le Corbusier (1933), nas quais as proposições segregacionistas e urbanismo de caráter rodoviário, se traduzem em amplas avenidas que se assemelham a auto-estradas, altas edificações com funcionalidades isoladas, dispersas em extensos espaços verdes vazios e separações dos usos da cidade (habitação, trabalho, lazer e circulação).

Aos conceitos defendidos por Le Corbusier (1933), é perceptível que o desenho modernista inicialmente exhibe a sensação de organização e racionalidade na escala macro. Entretanto, a concepção difere-se da visão de Gehl (2010), no qual argumenta a debilidade do Plano Piloto na escala humana, em que a interação entre o usuário e o meio físico é afetado pelo planejamento rígido, o que desconsidera as experiências propostas pelos espaços com tipologias orgânicas.

Portanto, optou-se por estudar o comportamento de um grupo social específico (mulheres em situação de rua), na região do Plano Piloto de Brasília para compreender se as premissas modernistas intervêm na sua rotina e quais as semelhanças e distinções na vivência entre os perfis selecionados e o grupo social em outros contextos urbanísticos.

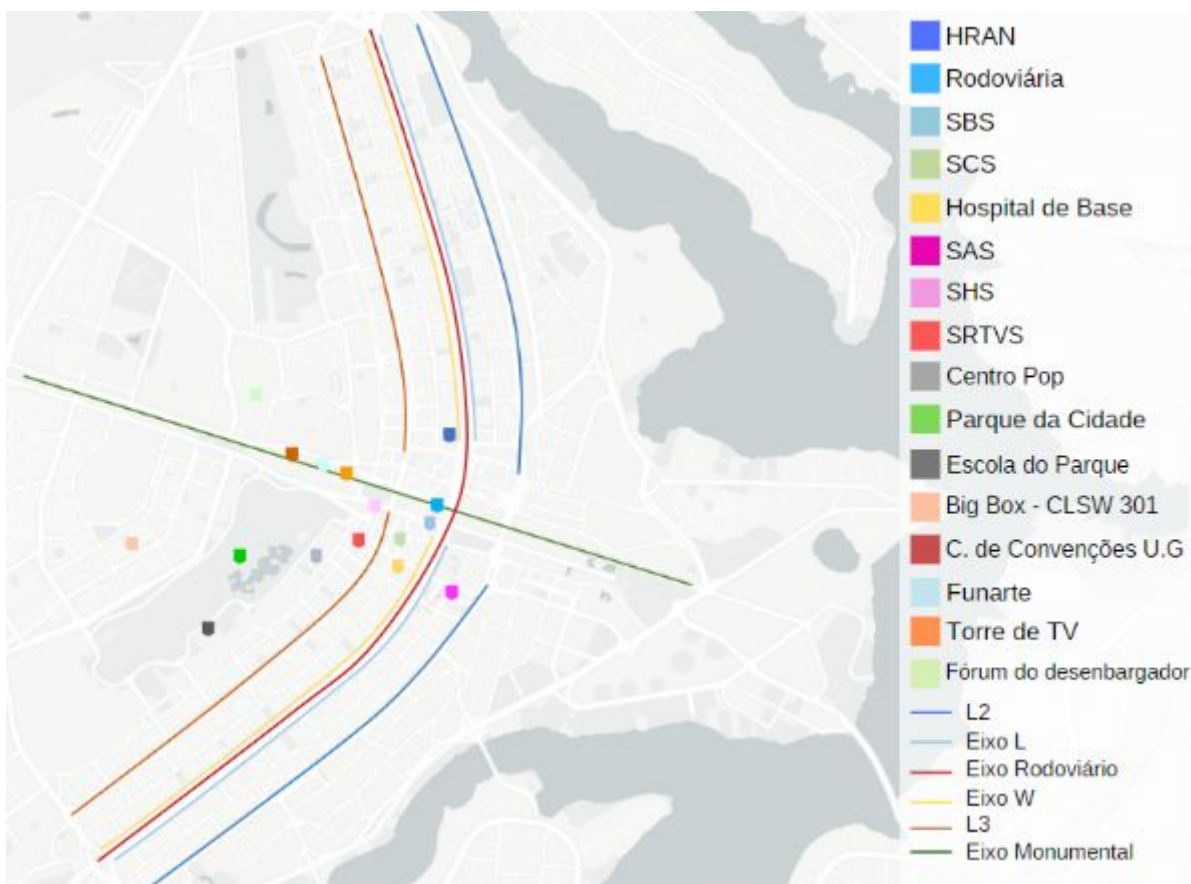


Figura 1 - Mapeamento dos espaços públicos mencionados na pesquisa..

Fonte: Mapbox (2019)

4.2 Levantamento de amostras

Com a definição da área de estudo em escala macro, foram identificadas as instituições governamentais, não-governamentais e pesquisadores da área que prestam assistência à pessoas em situação de vulnerabilidade, para auxiliar na busca dos perfis pré-estabelecidos e como poderia ser efetivado o planejamento de abordagem entre as mulheres, conciliando com os dados existentes (órgãos competentes) e dados levantados (contato interpessoal por meio dos assistentes sociais que trabalham com pessoas em situação de rua).

Após o encontro com a pesquisadora Potyara (2011), foram moldadas metodologias apropriadas para a tipologia da pesquisa e elaboração de um questionário inicial, aprovado pelo comitê de ética, de linguagem simplificada, para entender a vivência de cada perfil, como eles se convergem e/ou divergem entre si e

em relação à cidade, para posteriormente serem produzidos os mapas de área, perímetro e de uso para serem analisados adequadamente.

Os coletivos *BSB Invisível*, *Barba na rua* e a revista *Traços* foram parte fundamental para a compreensão das dinâmicas de vivência das pessoas em situação de rua, tais como trajetos habituais, pontos referenciais e indicação do assistente social Newton Souza para as escolhas de perfis que melhor se encaixasse aos pré-requisitos definidos e mediador das entrevistas realizadas.

A seguir, iniciou-se o processo de mapeamento das áreas públicas do Plano Piloto, de modo a identificar características morfológicas que possam atrair e/ou repelir aglomerações desse subgrupo social.

A fim de compreender a influência dos espaços públicos no comportamento das mulheres em situação de rua, optou-se por uma metodologia qualitativa, com seguimento em pesquisa participativa, vertente fundamentada por Godoy (1995), na qual a investigação da área estudada conectada às vivências do público abordado, permite o desenvolvimento de hipóteses sobre as problemáticas em questão.

Para o recolhimento de dados sobre a vivência de cada participante, foi desenvolvido um roteiro de perguntas, visando compreender a rotina de trabalho, lazer, estadia, permanência e não permanência, incluindo os trajetos, estratégias de autoproteção, introdução ao passado e sentimentos ao espaço estudado.

4.3. Entrevistas

Ao finalizar a metodologia de abordagem e conteúdo das entrevistas, foi elaborado um cronograma para a coleta de dados, prevendo as saídas de campo realizadas sob supervisão e auxílio de um assistente social, em horários variados, com intuito de contextualizar os cenários de acordo com a luminosidade do dia, fator contribuinte aos resultados da pesquisa.

Com intuito de trazer segurança às participante e aos resultados da pesquisa, fez-se necessário impor algumas condições prévias para a seleção dos perfis entrevistados, como:

- a. Ter idade igual ou superior a 18 anos;
- b. Identificar-se com o gênero feminino;
- c. Ter vivência diária no Plano Piloto de Brasília;
- d. Está enquadrada em situação de rua de acordo com o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, inserida na Política Nacional para a População em Situação de Rua;
- e. Autorizar a participação de forma voluntária, permitindo o livre arbítrio ao uso e publicação das gravações pelos pesquisadores;

Ao preencher os pré-requisitos informados, as participantes foram selecionadas de acordo as particularidades de cada rotina, integrando aos critérios classificatórios como:

- a. Variação de idade entre as participantes;
- b. Inclusão de Deficiência Física;
- c. Estado civil;
- d. Composição familiar;

Ao final, foram escolhidos cinco perfis, os quais as características foram distinguidas por:

- a. Idosa, portadora de deficiência física;
- b. Solteira sem filhos;
- c. Solteira com filhos;
- d. Casada, grávida e sem a guarda do filho;
- e. Casada com a guarda dos filhos;

Ressalta-se que o primeiro contato direto iniciou-se com a apresentação do assistente social autônomo e voluntário, Newton Souza, e da pesquisadora Rayssa Vidal, seguindo de uma breve explicação do projeto realizado e identificação da procedência da instituição apoiadora, UniCeub. Com o aval por parte das

pesquisadas, para o seguimento do diálogo inicial, foi apresentada a documentação Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a qual explica sobre a participação voluntária na pesquisa, autorizando formalmente por escrito ou gravação a utilização dos dados coletados para a análise e investigação dos perfis solicitados, garantindo total sigilo sobre informações recolhidas e sendo exclusivamente manuseadas e armazenadas pela pesquisadora responsável.

Após a confirmação do consentimento por parte da voluntária, iniciou-se o diálogo de maneira informal, porém com seguimento ao questionário sobre a vivência de cada participante para o desenvolvimento do projeto.

Foi realizada a coleta de relatos de vida destas mulheres, com intuito de propor maior aproximação com a realidade estudada, para propiciar um maior entendimento desta problemática e seus respectivos impactos sociais, como mencionados por Magnani (1993), no qual buscou-se introduzir o olhar antropológico de aproximação de uma situação desconhecida, de modo a torná-la mais familiar foram selecionadas as áreas de rotina dos perfis para a realização das entrevistas.

Ressalta-se que os nomes de todas as participantes mostrados ao longo da pesquisa são fictícios, mantendo o sigilo e privacidade das entrevistadas.

4.4 Criação de Mapas

4.4.1 Mapas de dimensionamento

Com o propósito de transmitir visualmente os resultados, foram produzidos mapas de áreas dos trajetos rotineiros, a fim de identificar as regiões mais utilizadas pelas mulheres em situação de rua, de modo a verificar se há relação clara entre a morfologia dos espaços e a sua utilização por estas.

Cabe destacar que os primeiros mapas apresentam, em escala macro, toda a área rotineira percorrida atualmente por cada voluntária, distinguindo-as por cores, simultaneamente demarcados espaços utilizados em rotinas anteriores.

Os mapas das áreas foram classificados de acordo com o resultado, sendo expostas de maneira individual e coletiva, com intuito de facilitar a análise crítica e comparativa exigida pelo estudo.

A execução dos mapas foi auxiliado pelas ferramentas do Google Earth Pro, unidade de medida aplicada em quilômetros quadrados (Km²) para as áreas estudadas.

4.4.2 Mapa de tipologias de uso

Foram produzidos mapas em uma escala reduzida, para a compreensão de como cada participante utiliza cada espaço, classificando-os em seis tópicos, sendo eles:

- a. Repouso (onde costumam dormir) - Verde;
- b. Trabalho/ estudos - Laranja;
- c. Lazer - Azul turquesa;
- d. Alimentação - Amarelo;
- e. Doações - Azul cobalto;
- f. Assistência social - Vermelho;
- g. Higiene pessoal - Rosa;

Após a finalização das entrevistas e a produção dos mapas, foi possível traçar as semelhanças e divergências da vivência de cada perfil, compreendendo as funções e simbologia dos espaços públicos do Plano Piloto e quais fatores influenciam no comportamento das mulheres de forma coletiva e/ou individual.

5. Análise dos resultados

5.1. Mapas das áreas

Mediante a coleta de dados obtidas pelas entrevistas, foram desenvolvidos mapas que delimitam a distância percorrida individual, em quilômetro quadrados (Km²), com o objetivo de identificar quais regiões são habituais para as participantes e se há alguma relação entre os trajetos (Figura 2, 3, 4 e 5).



Figura 2 - Área percorrida por Dona Leila (1,95 Km²).

Fonte: Google Earth Pró (2019)

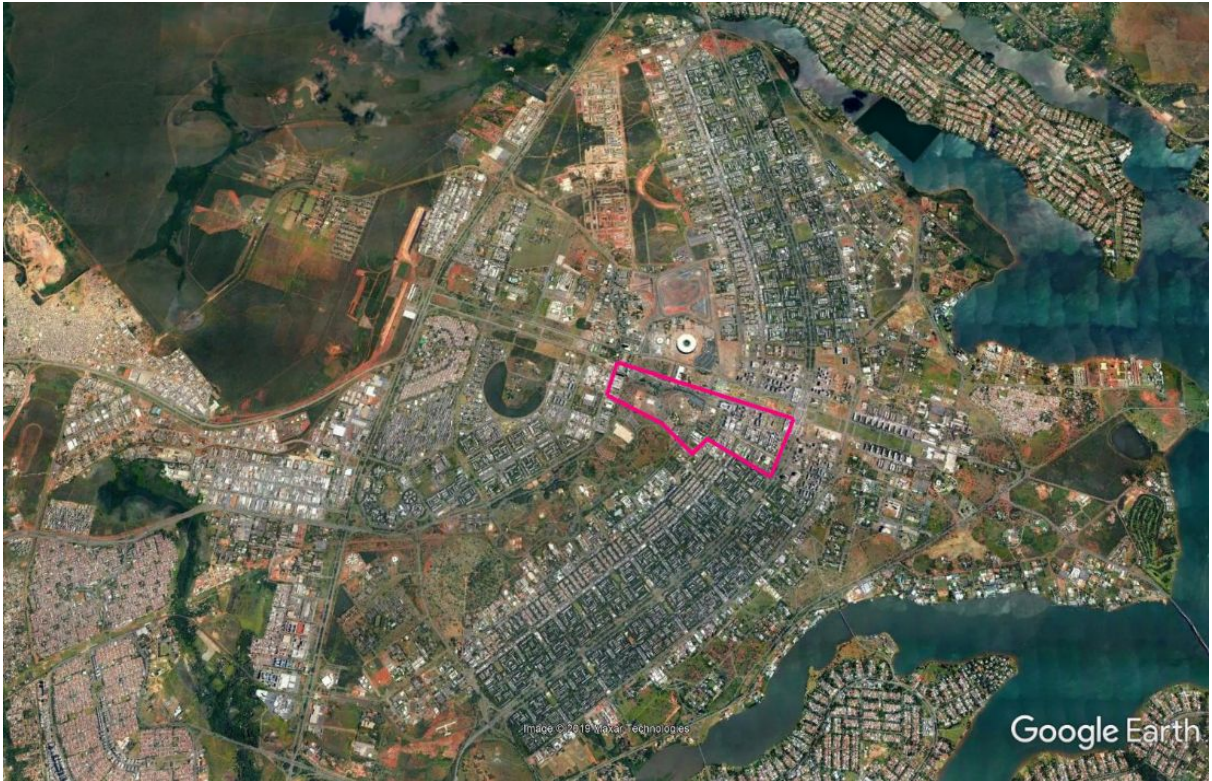


Figura 3 - Área percorrida por Giovana (2,85Km²).

Fonte: Google Earth Pró (2019)

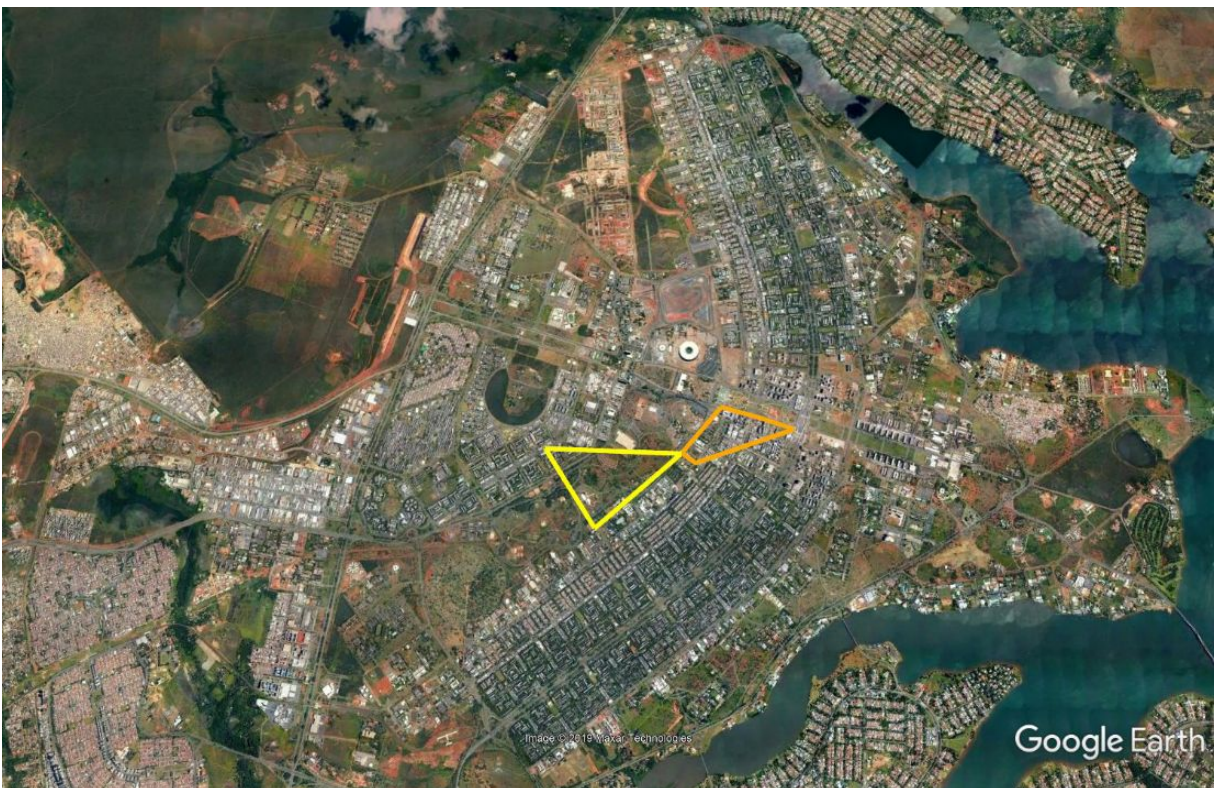


Figura 4 - Área percorrida por Mariana [0,7Km² à pé(laranja) e 0,5Km² de transporte público (amarelo)].

Fonte: Google Earth Pró (2019)



Figura 5 - Área percorrida por Soraya (4,6 Km²).

Fonte: Google Earth Pró (2019)



Figura 6 - Área percorrida por Andressa (21,5 Km²).

Fonte: Google Earth Pró (2019)

Ressalta-se que para melhor compreensão dos mapas comparativos, foram determinados a representação por linhas coloridas, delimitando-se as áreas dos usos das voluntárias.

Segue na tabela 1 a caracterização das cores delimitadas.

TABELA 1 - Delimitação das áreas por meio de cores

Nomes das voluntárias	Cores
Dona Leila	Roxo
Mariana	Laranja
Mariana (trajeto de ônibus)	Amarelo
Giovana	Rosa
Soraya	Azul
Andressa	Vermelho

Fonte: Elaboração própria

Pode-se verificar que os locais percorridos por todas as voluntárias convergem, majoritariamente, para a região central, voltada para as setorizações da seção sul do Plano Piloto, e percebe-se que o SCS e CP são os espaços mais atrativos e 100% das participantes os inserem em suas dinâmicas, o que demonstra que os preceitos de Jacobs (2001) alinham-se à pesquisa.

O Centro Pop e o Setor Comercial Sul são os locais nos quais mais foram encontradas atividades fixas e ocasionais de assistência e atividades como doações, eventos gratuitos abertos ao público, eventos voluntários de diversas motivações, hortas comunitárias, entre outros, voltadas à esse público, como afirma a fala de Augé (1992), que defende a ideia que o espaço físico quando supre as necessidades da população, desenvolve a sensação de pertencimento, criando ligações afetivas diretas ao lugar.

Com intuito de traduzir os dados numéricos dos mapas, foi debatida a necessidade de um sistema classificatório quanto ao uso dos espaços, analisando se há um padrão quanto à distância percorrida, em quilômetros quadrados (Km²) das participantes.

Por essa razão, foi elaborada a tabela 2, na qual cataloga as medidas das áreas, para compreender as tipologia dos trajetos.

Tabela 2. Classificação modelo da metragem das áreas utilizadas

Classificação da área percorrida	Metragem (Km ²)
Espaço Reduzido	0 a 3
Espaço Intermediário	3,1 a 5
Espaço Ampliado	> 5,1

A partir das análises classificatórias, nota-se que a delimitação das áreas percorridas são determinadas pelos fatores limitantes físicos e sociais.

Como mostrado na tabela 2, nota-se que no Espaço Reduzido, os fatores limitantes físicos integraram-se a vivência de Giovana, que atualmente encontra-se grávida e tal condição a restringe de percorrer maiores deslocamentos.

Assim como Dona Leila, idosa, portadora de vitiligo e deficiência visual, que é condicionada a desenvolver estratégias mais confortáveis, com trajetos mais iluminados, com maior sombreamento de proteção solar e topografias menos íngremes, buscando minimizar as debilidades presentes.

Tabela 3. Classificação das participantes das áreas percorridas

Classificação da área percorrida	Participantes
Espaço Reduzido	Dona Leila, Mariana e Giovana
Espaço Intermediário	Soraya
Espaço Ampliado	Andressa

Com o propósito de analisar as convergências e divergências entre as áreas percorridas, foram elaborados mapeamentos dos perfis (Figuras 6, 7 e 8), de acordo com a categorização dos perfis estudados.

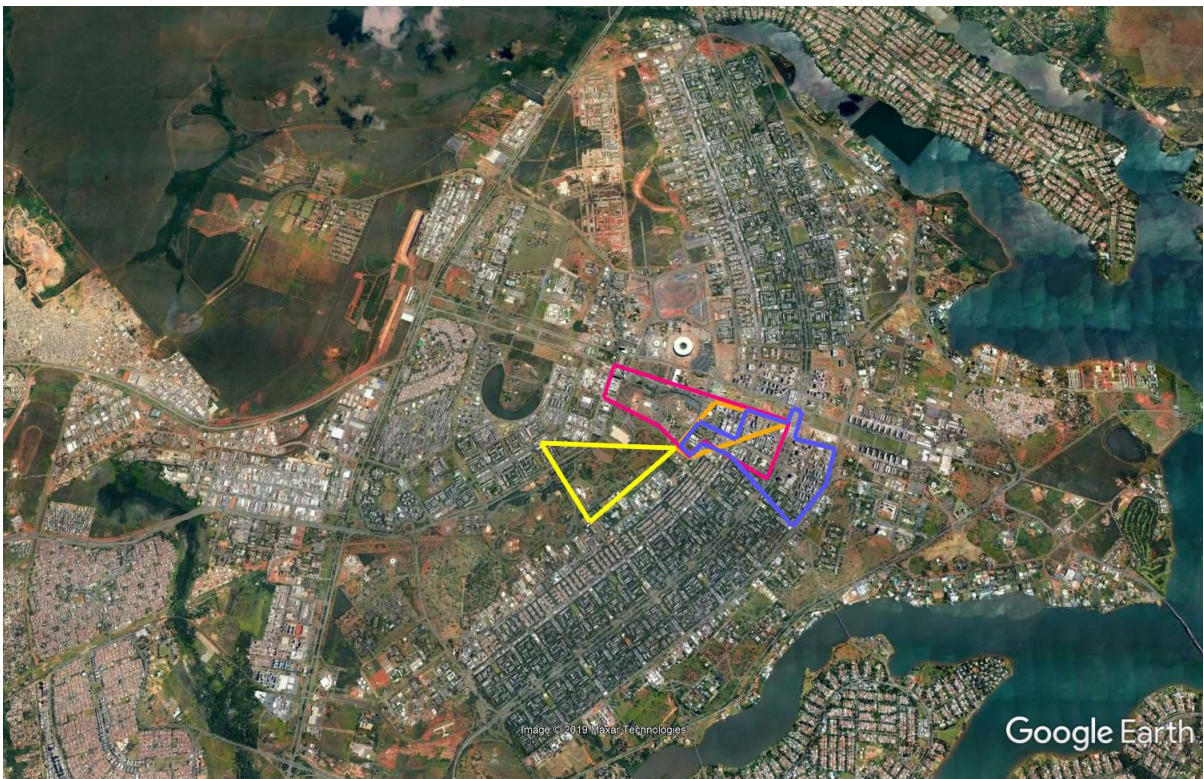


Figura 6 - Demarcação das áreas dos perfis classificados como Espaço Reduzido..

Fonte: Google Earth Pró (2019)



Figura 7 - Demarcação das áreas dos perfis classificados como Espaço Intermediário.

Fonte: Google Earth Pró (2019)



Figura 8 - Demarcação das áreas dos perfis classificados como Espaço Ampliado.

Fonte: Google Earth Pró (2019)

Motivações que confirmam a ideia de Jacobs (2001) sobre o planejamento urbano que engloba a compreensão da cidade como compensador das carências, desejos e ambições sociais e temporais, contrapondo a ideia racional de Le Corbusier (1933) e complementando a percepção de Gehl (2010), no qual mostra que o planejamento urbano do Plano Piloto desconsidera a escala humana, fatores socioeconômicos em geral, manifestações de diversidade e complexas necessidades coletivas, geram vivências monótonas, rígidas, isentas de qualidade de vida para a comunidade.

As limitações físicas das participantes não são os únicos fatores que interferem na classificação de espaço limitado. Há ainda as questões sociais, como composição familiar, que também afetam na locomoção de Mariana, casada e mãe de 5 filhos, retrata a dificuldade traçar rotas quando encontra-se responsável por um grande número de pessoas, o que reflete no pensamento de Gehl (2010), o qual defende a necessidade de propor planejamentos urbanos que atendam as demandas solicitadas pela diversidade, visando um olhar micro quanto aos espaços de deslocamento e permanência social.

O Espaço Intermediário é categorizado na vivência de Soraya, adepta ao estilo de vida nômade, o qual almeja o pertencimento temporário aos lugares, alimentando o sentimento de liberdade, novas sensações experienciais e mutações dos espaços ao longo de sua jornada. Quesito que contraria parcialmente a reflexão de Gatti e Potyara (2011), no qual explica que as motivações de mulheres a pertencer ao grupo de pessoas em situação de rua são de último caso, ocasionados por problemáticas domésticas.

Apesar de não se encaixar em sua totalidade em tais condições, Soraya relatou que também precisou mudar seu contexto de vida por ter sofrido violência doméstica. A participante não foi afetada por interferências de limitações físicas, entretanto, foi influenciada pela limitação social de cunho familiar, dado que, após o nascimento de sua filha, ocorreu a readaptação de rotina, adequando-se às necessidades exigidas pela criança.

O Espaço Ampliado foi representado pela rotina de Andressa, destacada pelo maior aproveitamento da área estudada, em comparação às demais participantes. É possível relacionar a ampla demarcação do mapa com a dinâmica de vida da voluntária, em que a isenção de limitações físicas e fatores sociais como trabalho, lazer e composição familiar interferem nos mapas mentais da participante.

A análise se relaciona com a fala de Magnani (1993), na qual retrata que a rua no seu papel simbólico, intervém na construção da identidade individual e coletiva da população, explicando que as escolhas das rotas intervém nas características do lugar e as características do lugar intervém na construção dos hábitos individuais e coletivos.

Com base na coleta de dados de Andressa, percebeu-se que a justificativa principal pelo extenso deslocamento, deve-se à prática de furtos. Segundo a participante, o planejamento dos furtos exige o desenvolvimento de estratégias de rápida ação e ampliação nos campos de execução, para que não haja consequências negativas no ato praticado. Entende-se também, que a vivência isenta de pessoas fixas em seu cotidiano, como parceiros e/ou filhos, acrescenta a ideia de maior liberdade de locomoção na área estudada.

Entretanto, as preferências de uso dos espaços para fins de lazer e permanência, são mais restritas a região central, voltada a seção sul do Plano Piloto, enfatizando o Setor Comercial Sul, por geralmente apresentar um alto fluxo de pessoas e atividades em relação a outras localizações. Justificativa na qual reforça a ideia de Gehl (2010) e Jacobs (2001), quando retrata que a vivacidade dos espaços são estimulados, trazem sensação de pertencimento, desenvolvendo os laços afetivos com o espaço simbólico, abordados por Magnani (1993) o qual melhora a qualidade de interação entre os usuários e os lugares.

6.2. Mapas de usos

Com objetivo de compreender como os espaços são utilizados pelas participantes, foram desenvolvidos mapas de caracterização de usos, distinguidos em sete tipologias de atividades, como demonstrados na tabela 4, gerando noções de seleção e permanência dos locais públicos do Plano Piloto.

Tabela 4. Modelo das caracterizações dos usos

Tipologias de usos	Cores
Repouso	Verde
Trabalho/ Estudo	Laranja
Lazer	Azul celeste
Alimentação	Amarelo
Doações	Azul cobalto
Assistência social	Vermelho
Higiene	Rosa

A partir da interpretação do mapeamento de usos das mulheres, foi preferível proceder às análises, buscando-se padrões de comportamento no cotidiano das participantes, seguindo a ordem das ações descritas nas legendas inseridas nas figuras 8, 9, 10, 11 e 12.

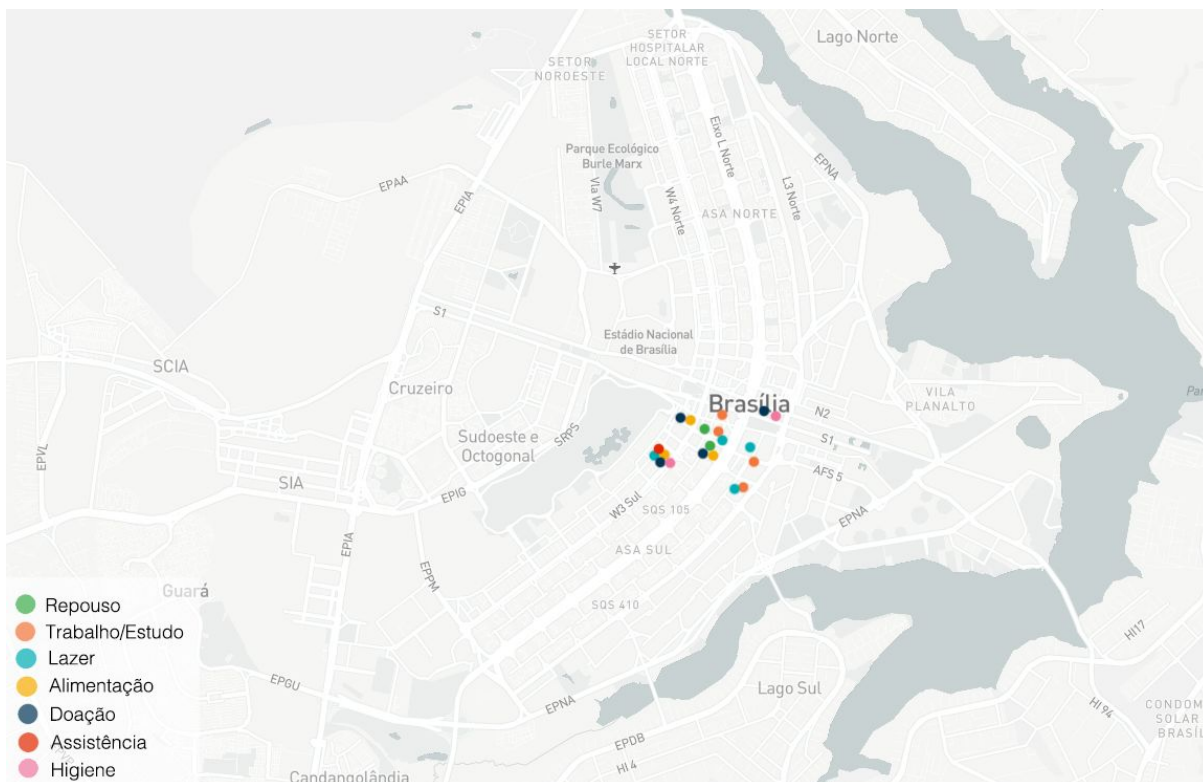


Figura 8 - Mapa de localização de usos da Dona Leila

Fonte: MapBox (2019)

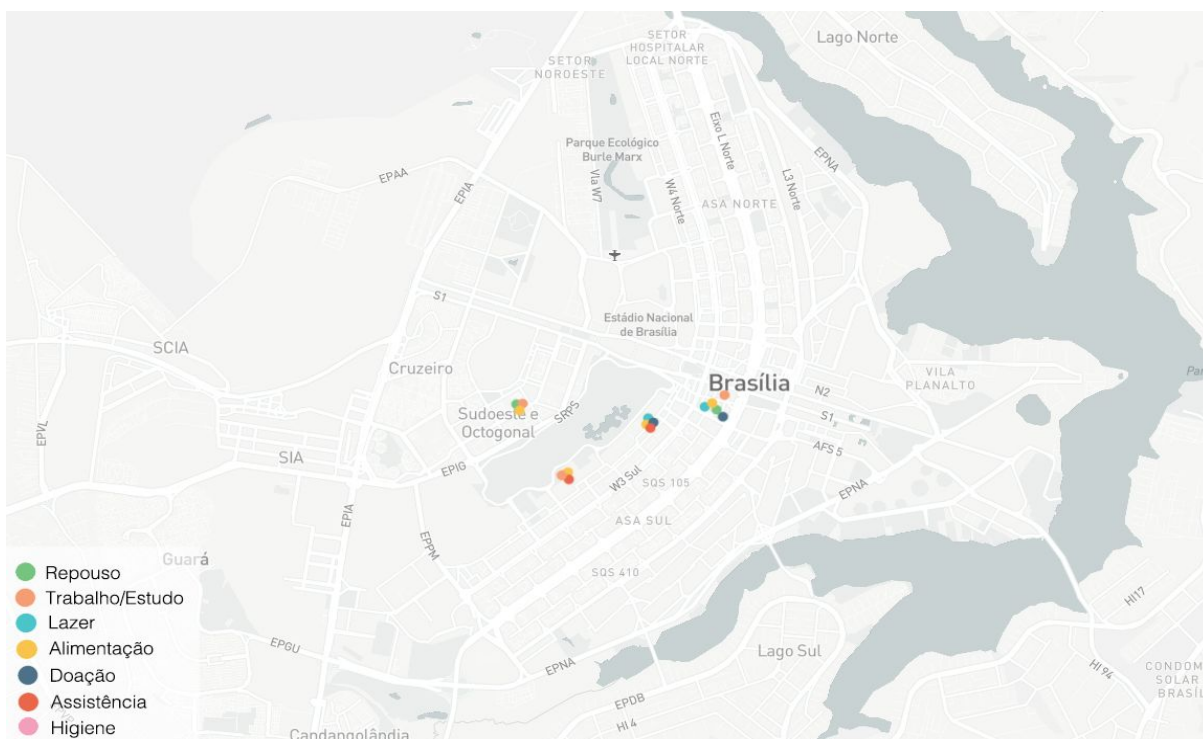


Figura 9 - Mapa de localização de usos da Mariana

Fonte: MapBox (2019)

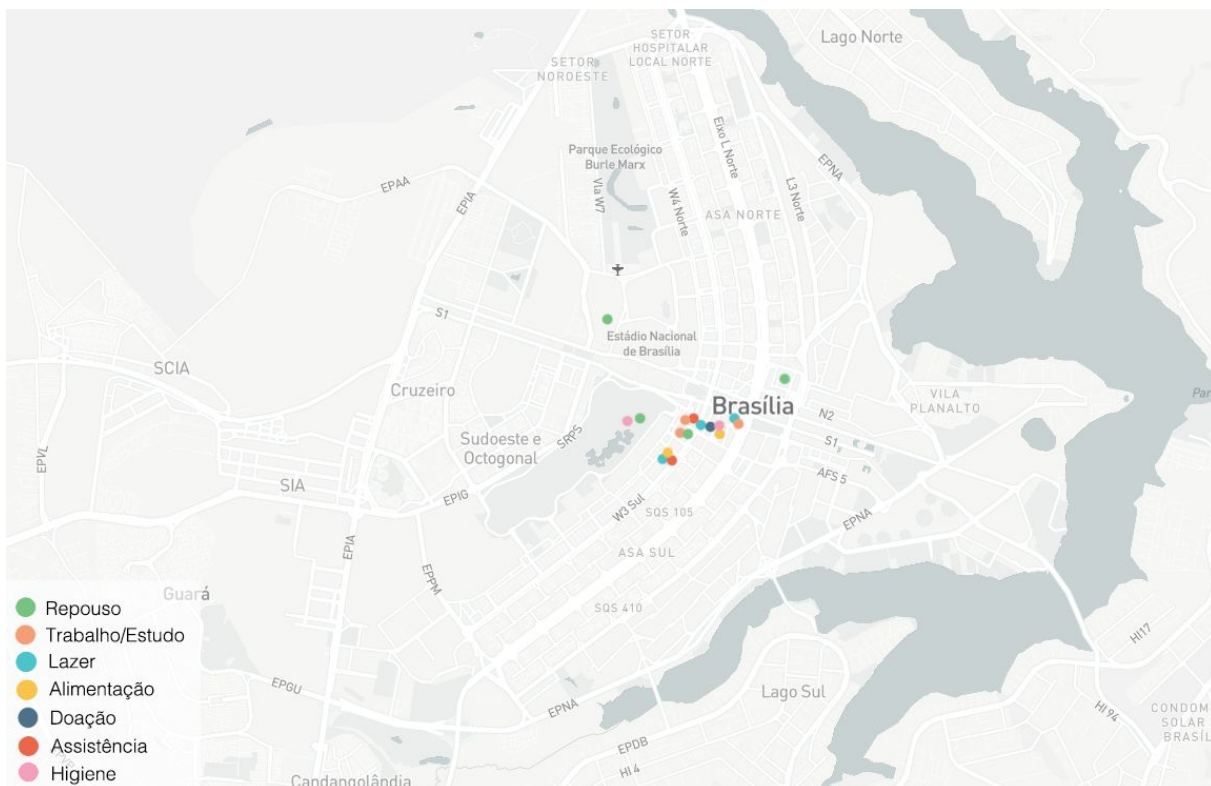


Figura 10 - Mapa de localização de usos da Giovana

Fonte: MapBox (2019)

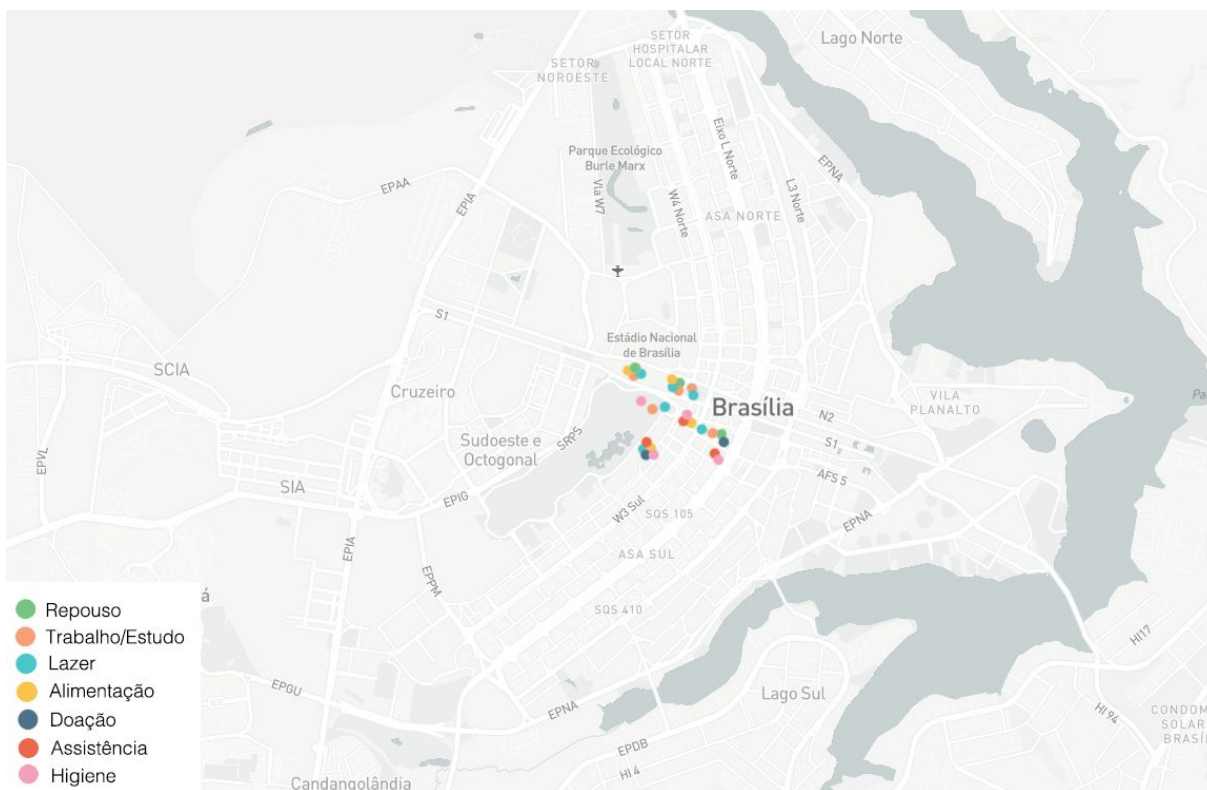


Figura 11 - Mapa de localização de usos da Soraya

Fonte: MapBox (2019)

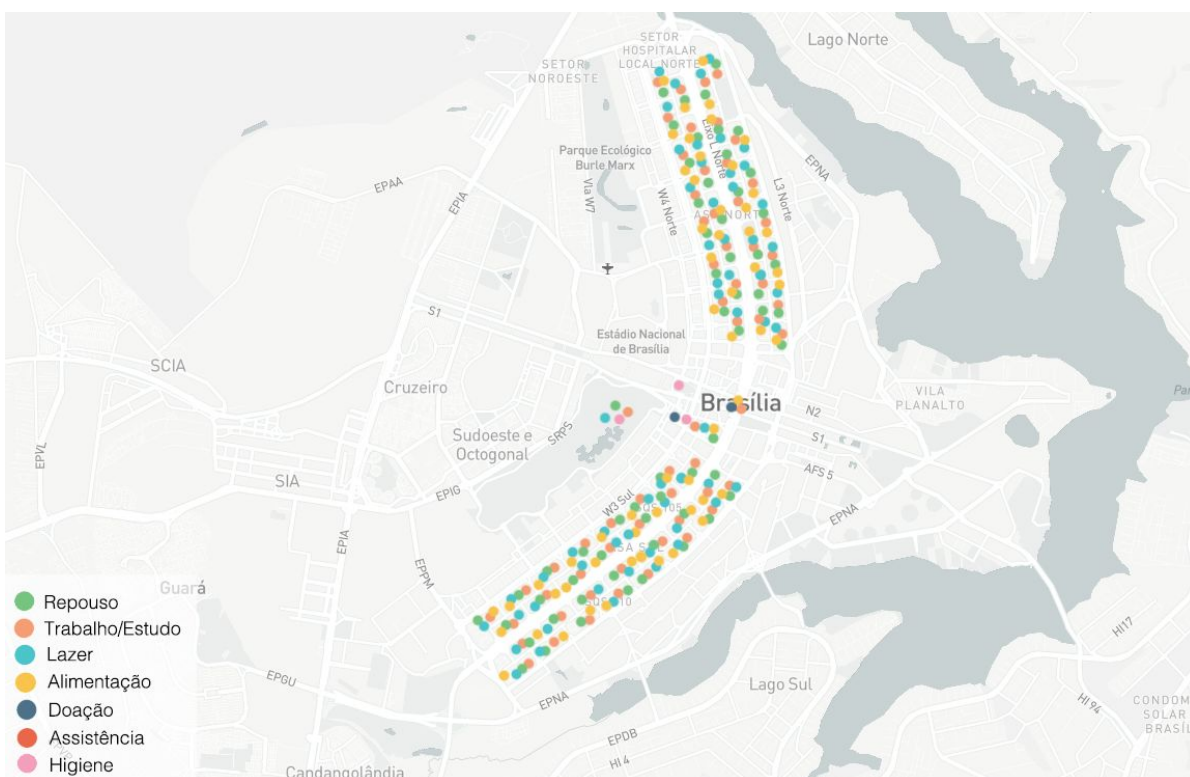


Figura 12 - Mapa de localização de usos da Andressa

Fonte: MapBox (2019)

Foi entendido que o Parque da Cidade e o Setor Comercial Sul foram selecionados para o repouso, com a justificativa de oferecer melhores condições de mobiliário urbano, iluminação e maior fluxo noturno de pessoas. Esses espaços fortalecem a teoria de Gehl (2010), que retrata a necessidade de investir em infraestrutura urbana em escala humana, trazendo a sensação de segurança e conforto, transformando o espaço mais convidativos aos usuários.

O edifício Fórum do Desembargador, apesar de não ser uma escolha habitual entre as participantes, reafirma a exigência de um planejamento que reflita sobre as necessidades sociais, visto que, o prédio, atualmente utilizado para fins administrativos da cidade, é frequentado por Giovana, para a proteção temporais em épocas chuvosas, condizente aos 12 critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre, exemplificando o tópico de proteção contra experiências sensoriais desconfortáveis, mencionadas por Gehl (2010).

A Funarte e o Centro de Convenções Ulysses Guimarães já foram localizações de estadia de Soraya, com a alegação de se encaixarem ao estilo hippie, sendo um espaço próximo ao fluxo moderado de pessoas da Feira da Torre, amplos espaços verdes, com possibilidades de estruturação de acampamentos provisórios, em grupos numerosos e aproximação de eventos culturais realizados nas proximidades, se relacionando com a ideia das combinações complexas de Jacobs (2001).

Essa contextualização adequa-se à afirmativa de Gehl (2010), que defende a conjunturas urbanas que atendem às diversidades solicitadas pela sociedade, criando ligações afetivas entre as pessoas e o contexto do espaço, complementada pelo ideal de Magnani (1993), que sugere a rua como uma organização viva, afetiva e promotora de experiências.

A decisão de Mariana em repousar próximo ao supermercado Big Box, relacionou-se a questão das conjuntura de combinações complexas, retratadas por Jacobs (2001), em que a composição do estabelecimento de uso frequente (mercado), traz a facilidade de arrecadar alimentos doados, complementada pela função de guardador de carro do parceiro, no estacionamento do Big Box e proximidade às dinâmicas externas como a Escola do Parque e Setor Hoteleiro Sul, justificam a escolha da área.

No que tange a questão de espaços para trabalhar e estudar, foi verificado que todas as participantes escolheram locais de grande movimentação de pedestre para exercer as diferentes dinâmicas de trabalho, o que demonstra certa convergência às premissas de Jacobs (2001), em que acredita que a presença de pessoas nas ruas traz mais segurança.

Dona Leila exerce a profissão de catadora de reciclagem, buscando, pelas mediações do Setor Comercial Sul, Setor Bancário Sul, Setor de Autarquia e arredores da 903 Sul todo o material recolhido para as cooperativas do Plano Piloto. Dito isso, a estratégia de percorrer rotas de maior movimento, faz-se necessário para o recolhimento de recicláveis.

Giovana e Soraya costumam percorrer a região do Setor Comercial Sul, Conic e arredores, que são caracterizados pela alta taxa de comércio formal, informal e abundante circulação de pedestres para a venda dos produtos.

Mariana, por outro lado, possui uma dinâmica diferente de Dona Leila, Giovana e Mariana no quesito horário de trabalho, visto que, a prostituição interage em maior intensidade no período noturno.

Salienta-se que as calçadas da via S2 são simbolicamente conhecidas na cidade por ser um ponto referencial para tais práticas, sendo frequentada especificamente por usuários que buscam o serviço. Entretanto, embora a profissão de Mariana tenha um público mais peculiar, ainda há dependência de fluxos de pessoas nas proximidades.

Andressa é a participante com o maior deslocamento com finalidade profissional, em razão de, as práticas ilegais de furto obrigá-la a criar estratégias diversificadas, ampliando o campo de ação para não sofrer consequências legais, caso seja pega em flagrante.

Verificou-se que todos os perfis se convergem quanto à necessidade de alta movimentação de pessoas para complementar a renda financeira, condições que confirmam a temática de Gehl (2010), cujo, a dinâmica da cidade depende da presença de pessoas no local e quanto maior a ocupação de atividades, em diferentes horários, maior o vigor explicitados na cidade.

As áreas selecionadas para alimentação, doações e assistências sociais, foram equivalentes em todas os casos, sendo o Centro POP, instituição que oferta uma rotina diária de café da manhã e almoço. O Setor Comercial Sul, espaço de grande movimentação de ações voluntárias, como as sopas as sextas.

A rotina dos horários em pontos fixos para se alimentar, receber doações e resoluções de vários segmentos, adere ao pressuposto de Gehl (2010) que relata que manifestações de diversidade de atividades voltadas para os grupos sociais, criam ligação afetiva e pertencimento.

Por fim, o tópico das estratégias de uso dos espaços para a higiene pessoal foram questionados durante as entrevistas, mostra a dificuldade em manejar as

necessidades básicas humanas, mudando o olhar das mulheres em relação às convenções sociais e obrigando-as a improvisar táticas emergenciais.

Excepcionalmente, Andressa relata que faz uso de fontes públicas, principalmente a da Torre de Tv, alegando que não se incomoda em manter sua higiene em um lugar não propício a tal ato.

Desta maneira, constata-se estratégias urbanísticas com intenção de repelir a presença do público estudado, corroborando com a ideia de isenção do cuidado do planejamento urbano do Plano Piloto em não suprir as necessidades da diversidade social, caracterizando a cidade como excludente, separatista e elitista, focando nas ambições apenas de uma parcela da sociedade.

7. Considerações Finais

7.1. Conclusões

Com o intuito de compreender a influência dos espaços públicos do Plano Piloto de Brasília no comportamento das mulheres em situação de rua, foram analisados, de modo qualitativo, rotinas, trajetos e vivências de cinco perfis, buscando interligar a morfologia urbana com as motivações de escolha dos usos dos espaços.

A primeira percepção de um padrão entre as entrevistadas, foi classificada em 3 amostras, de acordo com a distância percorrida entre as áreas do Plano Piloto, sendo estas, Espaço de uso reduzido, Espaço de uso intermediário e Espaço de uso ampliado. A classificação resultou na compreensão de que a amplitude dos deslocamentos são influenciados por limitações físicas e limitações sociais, que se ramificam a fatores de composição familiar e profissionais.

Os aspectos relativos às necessidades básicas, burocráticas e de lazer induzem a escolha de uso e permanência em espaços considerados mais convidativos e acessíveis ao grupo, como o Setor Comercial Sul e o Centro Pop, localizados na seção sul do centro de Brasília.

A investigação a respeito dos trajetos selecionados pelas participantes, sugere que as rotinas sejam moldadas de acordo com a dinamicidade das atividades fixas e esporádicas desenvolvidas na cidade (tais como: eventos culturais acessíveis, projetos voluntários, pontos de doações de assistências gerais) e a qualidade de equipamentos e mobiliários urbanos, isentos de barreiras excludentes.

Pode-se concluir, portanto, que o desenho urbano racional presente no Plano Piloto não foi pensado para aportar a diversidade de públicos, induzindo ao comportamento segregacionista e excludente, setorizando os usos dos espaços, cujo afeta a vivacidade da metrópole.

As rotinas das mulheres em situação de rua são movidas de acordo com a complexidade de combinações urbanas compatibilizadas com as realidades vividas,

buscando-se sempre ressignificar espaços considerados abandonados, em certos períodos, pela sociedade no geral.

7.2. Recomendações

Com base nos resultados obtidos, verificou-se a necessidade de realizar a ampliação da amostra de perfis no Plano Piloto, com o intuito de coletar uma maior quantidade de dados sobre o grupo social estudado, para obter análises mais precisas a respeito dos efeitos do planejamento urbano modernista no comportamento de mulheres em situação de rua.

Propõe-se também, a aplicação da metodologia adotada em cidades com diferentes morfologias urbanas, a fim de desenvolver análises comparativas mais precisas entre as diretrizes urbanísticas existentes.

8. Referências Bibliográficas

Augé, Marc (1993), Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus.

Barros, A. P. Diz-me como andas que te direis onde estás: inserção do aspecto relacional na análise da mobilidade urbana para o pedestre. Tese de doutorado em regime de Co-tutela. Universidade de Brasília e Universidade de Lisboa. Brasília/Lisboa, 2014, 408p.

Barros, A. P.; Martínez, L. M.; Viegas, J. M. How urban form promotes walkability? Transportation Research Procedia. v. 27, 133-140, 2017.

Carvalho, J. Formas Urbanas. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2009.

Gatti, B. P.; Pereira, C. P. Projeto Renovando a Cidadania: pesquisa sobre a população em situação de rua do Distrito Federal. 1. ed. Brasília: Gráfica Executiva, 2011. v. 1. 202p.

Gehl, J. Cities for people. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Godoy, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

Hillier, B. e Hanson, J. The Social Logic of Space. Cambridge: Cambridge Press, 1984.

Holanda, F. Espaço de exceção. Brasília: EdUnB, 2002.

Ianni, O. Teorias da globalização. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

Jacobs, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Le Corbusier. A Carta de Atenas. São Paulo: Hucitec, 1993.

Magnani, J. G. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Publicado em Cadernos de História de São Paulo 2, Museu Paulista-USP, 1993.

Medeiros, V. Urbis Brasiliae. Brasília: EdUnB, 2013.

Pinsky, J. As Primeiras Civilizações. São Paulo: 15ª Ed, Atual, 1994.

Quiroga, J. V.; Rodrigues, M. (Org.). Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. v. 1. 242p.

9. Apêndice

9.1 Questionário

“A influência dos espaços urbanos no comportamento das mulheres em situação de rua no Plano Piloto de Brasília”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as): UniCEUB Pesquisador(a) responsável: Ana Paula Borba Gonçalves Barros

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Rayssa Vidal Macedo de Brito

I - DADOS INICIAIS:

Nome:

Idade:

Raça:

Estado civil:

Naturalidade:

Filhos:

Descrição:

II - VIVÊNCIA :

1. Qual foi a motivação à ida às ruas?
2. Onde você mora?
3. Qual seu nível de escolaridade?
4. Como é composta a sua renda? Qual sua profissão?
5. Onde você faz suas necessidades fisiológicas?
6. Como você lida quando está menstruada?
7. Quais documentações você possui?
8. Você tem ciência dos direitos de cidadã que você possui?

III - ESPAÇOS:

9. Qual a sua rotina?
10. Onde você geralmente permanece ao longo do dia? Por quê?
11. Você se sente confortável em espaços públicos? Por quê?
12. Você se sente segura em espaços públicos? Por quê?
13. Qual horário do dia você prefere estar nesses lugares? Por quê?
14. Como as pessoas te tratam nesses ambientes?
15. Você já percebeu algum tratamento diferente só por ser mulher?
16. Você sente a necessidade de se comportar de alguma forma só por ser mulher? Por quê? Como?

IV- PROPOSIÇÕES:

17. Você acha que os espaços públicos do Plano Piloto são convidativos e agradáveis para a permanência?
18. Você acha que deveriam haver mudanças para tornar esses espaços melhores?

9.2 Entrevista

9.2.1 Dona Leila

Leila

Idade: 65 anos

Filhos: Sim (A quantidade não foi informada)

Etnia: Negra

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Não informado

Renda: Reciclagem

Grau de escolaridade: Não Informado

Descrição: idosa, deficiente visual e portadora de vitiligo.

Leila, conhecida como Dona Leila, portadora de Vitiligo e cega do olho esquerdo, relata os seus 30 anos de vivência como moradora de rua em Brasília.

A conversa inicia-se ao lado de uma agência do Banco do Brasil, *Quadra 05 - Bloco B - Loja 158, Setor Comercial Sul Q. 5 - Asa Sul*, onde Dona Leila, sentada à lateral de um canteiro, mostra um terço de madeira, pendurado ao pescoço, o qual foi entregue, há 3 anos, por um Bispo vindo de São Paulo, cujo produziu um evento religioso próximo ao local.

Emocionada, Leila relembra com clareza o acontecimento, demonstrando uma ligação afetiva ao espaço de convívio e moradia.

O percurso diário de Dona Leila é demarcado por suas necessidades imediatas, tais como, os serviços de instituições de auxílio ao cidadão em situação de vulnerabilidade, como o Centro PoP (*Conjunto C - Lote 78, SGAS I Setor de Grandes Áreas Sul 903*), e CAPS AD III - Candango, (*Setor Comercial Sul Q. 5 - Asa Sul*), —café da manhã e almoço, banhos, auxílio com documentação, assistência social, etc— pontos de doações, eventos abertos ao público, proximidade ao Hospital de

Base(SMHS - *Área Especial, Q. 101 - Asa Sul*), entre outros. Geralmente todas as necessidades básicas conseguem ser supridas no perímetro do Setor Comercial Sul.

O carrinho de supermercado é o instrumento de maior importância para a sobrevivência de Leila, já que o mesmo possui uma multifuncionalidade no seu cotidiano.

A começar pelas escolhas dos trajetos, onde o peso do carrinho em si, acrescido do volume dos pertences, reflete na seleção de caminhos menos íngremes, danificados e mais largos para o fácil manuseio e transporte do objeto.

O uso polivalente do carrinho como instrumento de trabalho, seleciona percursos com um maior volume de pessoas e lixeiras, facilitando o recolhimento de recicláveis. A importância também dar-se à seleção de locais mais iluminados durante à noite, preferencialmente em quinas de grandes edificações, pois garantem uma maior segurança de furtos aos seus objetos e integridade física de Dona Leila enquanto dorme.

Por ser alcoólatra há anos, os efeitos negativos a longo prazo do vício refletem na dificuldade de consciência de horários no cotidiano, apenas apresentando noções de tempo (dia/noite) e espaço onde costuma se estabelecer.

Durante a entrevista, Dona Leila relata sua ligação com o Setor Comercial Sul. Antes de se estabelecer à esta zona, a senhora vivia às proximidades do centro comercial Gilberto Salomão (*St. de Habitações Individuais Sul QI 5 - Lago Sul*), entretanto, por alegar as longas distâncias entre as áreas comerciais e não se identificar mais com o espaço. decidiu mudar para o Setor Comercial Sul e seus arredores.

Apesar de descrever as dificuldades de ser uma pessoa em situação de rua, é possível identificar uma relação além dos espaços físicos. A rede de ligação afetiva criada pelos usuários do ambiente, sejam eles, sua família que também reside nas ruas (seu filho Mário, a nora Nayana e suas netas Maria Clara e a recém nascida Virginia), outras pessoas na mesma condição socioeconômica, trabalhadores dos estabelecimentos ou frequentadores do espaço, reforçam a noção de pertencimento de Dona Leila.

Alguns projetos como hortas comunitárias nos canteiros da região, doações na rodoviária, teatro nacional e estacionamento do conjunto nacional, eventos religiosos abertos ao público, projeto de futebol e sopa às sextas, às 19h e o banho comunitário aos sábados, às 20h horas, enriquecem a sensação de inserção social.

Questionamentos e protestações em relação diretamente ligadas a gênero ou estratégias de minimizar as reações do vitiligo não foram mencionadas por Leila.

9.2.2 Giovana

Giovana

Idade: 18 anos

Filhos: Sim. Vitória de 4 meses e Grávida

Etnia: Negra

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Brasiliense

Grau de escolaridade: Não Informado

Descrição: Casada, grávida e sem a guarda do 1º filho

Giovana, mais conhecida como Gi, inicia o diálogo contando sua vivência ao longo desses dois meses que se encontra em situação de rua.

Casada há um ano, com *João*, de 22 anos e pai dos seus dois filhos Emanuel, de 4 meses e o segundo, o qual está em processo de gestação. A jovem conta os ciclos de sua vida, através de uma visão macro, expondo que suas estadias na rua são periódicas. Nascida em Planaltina, Giovana vivia com sua mãe, porém, por motivos não mencionados, decidiu algumas vezes optar por viver nas ruas. A primeira vez que saiu de casa, tinha 16 anos e partiu para o centro da cidade com um amigo. Sua primeira escolha de local para dormir foi o Hospital HRAN, *s/n*, *SMHN Q 1 - Asa Norte*, onde passou um curto período até que fosse retirada pelos seguranças do hospital das calçadas ao redor.

O segundo momento, onde decidiu retornar às ruas, Giovana menciona sua união com João, explicando as dificuldades de ser mulher, com traços e trejeitos afeminados sobrevivendo em situação de rua em Brasília. Seu casamento carrega intenções além do afeto sentimental e companheirismo, ele também garante a sensação de maior segurança e proteção. Ela explica que quando uma mulher está acompanhada de um homem, acaba certificando um respeito social, evitando alguns transtornos como assédio, furtos, entre outros impasses.

O trajeto rotineiro do casal inicia-se no Parque da Cidade Soraya Kubitschek, *Srps - Brasília*, local que geralmente é habituado para dormir. A escolha dar-se ao fato do parque ofertas algumas regiões com boa iluminação, trazendo sensação de segurança, alguns mobiliários, como bancos e mesas para dormir ou ter maior comodidade em refeições e banheiros com mobiliários gratuitos, para as necessidades básicas de higiene pessoal e bebedouros.

Em seguida, o casal segue para as instituições de auxílio ao cidadão em situação de vulnerabilidade, o Centro Pop, *Sgas 903 Conjunto C - Lote 78, Asa Sul*, local cujo podem fazer a primeira refeição do dia e utilizar o atendimento a busca do processo de autorização do benefício “Bolsa ao Vulnerável”, benefício governamental que auxilia pessoas em situação de rua, de acordo com o seu grau de vulnerabilidade. Giovana possui grau 3, já que além de ser moradora de rua, ela é mãe de um recém nascido e está grávida do segundo filho.

Após tratar de assuntos burocráticos, Giovana e seu esposo direcionam-se ao Conic, *Asa Sul Edifício Venâncio IV-V*, para comprar alguns doces ou garrafas de água para vender nos sinais da região, já que relata que não gosta de pedir. O casal não almoça no Centro Pop por não gostar dos alimentos que são ofertados.

Giovana explica que sua rotina é moldada de acordo com os eventos e projetos voluntários, geralmente localizados no Setor Comercial Sul e seus arredores para garantir roupas, artigos de higiene e o jantar. Quando não estão estão acontecendo os eventos semanais ou esporádicos, seguem para as comerciais com a intenção de movimentar o público de vendas. Por volta das 22 horas, seguem novamente ao Parque da Cidade para tomar banho e dormir.

Giovana encerra a conversa contando suas estratégias de proteção em dias chuvosos. A busca por cobertura ocorrem aos arredores do Setor de Rádio e Televisão Sul ou os conjuntos de edificações próximos ao eixo monumental, selecionando o edifício Fórum Desembargador Milton Sebastião Barbosa, *Palácio da Justiça, Praça Municipal, Lote 01*, como seu espaço preferencial, por já ser conhecida pelos seguranças.

9.3.3 Andressa

Andressa

Idade: 38 anos

Filhos: Não

Etnia: Parda

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Natalense-RN

Grau de escolaridade: Não informado

Descrição: Solteira; sem filhos;

Andressa é uma das mulheres mais famosas da região, conhecida pela sua imponência na fala e praticidade nas atitudes, ela se destaca das demais e é entendível o motivo pelo qual é uma das únicas mulheres a sobreviver sem o companheirismo fixo um homem ao seu lado.

Vinda de Natal, no Rio Grande do Norte, Andressa relata que está há 6 anos vivendo nas ruas. Sem relatar a antiga profissão, a moça relembra sua vida de classe média, a qual ela dizia ter uma vida confortável e estável. O processo sobre sua ida às ruas foi influenciado por seu ex marido, o qual foi casada por alguns anos.

O ex-marido, cujo seu nome não foi revelado, era usuário de crack, e durante anos, Andressa tentou retirá-lo dessa vida, o qual ela menciona que é um caminho sem volta.

Durante o primeiro encarceramento do ex companheiro, Andressa manteve ligações matrimoniais, visitando-o sempre que podia. Após a ocorrência de situações não mencionadas, Andressa envolveu-se ao vício do ex parceiro, perdendo todos os seus bens.

Andressa esclarece sua rotina criando ligações ao seu trabalho e lazer (furtos e drogadição) vícios. Pelo grande volume de pessoas, ela tem preferência em andar pela rodoviária e setores comerciais, bancários e pelos estacionamentos dos edifícios governamentais, onde há maior facilidade em encontrar alvos simples para os furtos. Quando está interessada em explorar novos espaços, gosta de fazer trajetos pelas comerciais, indiferente do posicionamento norte e sul. Por sentir a sensação de liberdade nas ruas, não gosta de andar em grupo em horário de trabalho pois sente que dificulta a execução mas a agrada se reunir para o uso de álcool e drogas.

Em seus momentos de lazer, a escolha de eventos ao público no setor comercial sul, como o futebol e sopa voluntária às sextas, banhos aos sábados (projeto voluntário que acontece no estacionamento das Lojas Americanas(Setor Comercial Sul ,4 Bloco A 110 - Asa sul), e festas esporádicas com intuito de ressignificação aos espaços públicos são essenciais para a permanência de Andressa.

Apesar de ser comum a prática da prostituição feminina entre as moradoras de rua, Andressa alega que não o faz, por não aceitar tudo mesmo sendo uma cidadã em estado de vulnerabilidade.

Em relação a iluminação e degradação dos espaços, ela diz não se incomodar, já que quando está sob o efeito do crack, sente-se desconfortável com a luminosidade.

Quando foi mencionado a questão de violência contra a mulher em situação de rua, ela relata se sentir segura, pois a construção da imagem agressiva, onde não há restrições emocionais aos ataques à quem a incomoda é habitual, motivação que repele atitudes grosseiras por parte do gênero masculino.

A respeito de higiene pessoal, a Andressa declara não se incomodar com tais fatores, logo, costuma tomar banho a cada 8 dias, no banho comunitário (projeto voluntário que acontece no estacionamento das Lojas Americanas(*Setor Comercial Sul ,4 Bloco A 110 - Asa sul*), nas fontes da cidade, referenciando a fonte rente a Torre de Tv (*Torre de Tv - Eixo Monumental, s/n - Jardim Burle Marx*) ou Parque da Cidade Soraya Kubitschek, *Srps - Brasília*

Ao ser perguntada sobre onde costuma dormir, Andressa explica que não dorme há 16 dias e não conseguir dizer onde dorme, a perda de memória sob o efeito da droga torna-se comum nesse contexto. Contudo, relata que há alguns meses, costumava repousar no Centro Pop, antes das desavenças entre colegas e a expulsão permanente.

Apesar de não conseguir descrever com exatidão os locais que costuma adormecer, Andressa expressa algumas estratégias, como juntar numerosos grupos, geralmente usuários de drogas, para a vigia noturna, mantendo a sua integridade e a de seus pertences.

O cotidiano de Andressa é impedido de ser descrito por horários e locais com exatidão, pois não é possível mensurar a rotina de uma dependente química, visto que, em boa parte do tempo a mesma não se encontra em estado de lucidez.

9.3.4 Mari

Mariana

Idade: 36 anos

Filhos: Sim, 7 filhos

Etnia: Parda

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Brasiliense

Renda: Prostituição

Grau de escolaridade: Cursando o ensino médio

Descrição: Casada; Mãe de 7 filhos;

Mariana , mais conhecida como Mari, relata sua trajetória de vida enquanto se arruma no banheiro do Centro PoP(*Conjunto C - Lote 78, SGAS I Setor de Grandes Áreas Sul 903*) para seguir à caminho da Escola do Parque da Cidade - PROEM (*St. de Grandes Áreas Sul 909 A 27 - Asa Sul*), instituição pública cujo foca na educação de jovens e adultos em situação de rua.

Apesar de apresentar cautela nas respostas e desconfiança nas perguntas, timidamente, Mari conta que vive sem seus pais, pelas ruas desde os 12 anos, pois sua mãe quando estava grávida já se encontrava em situação de rua. Entretanto, por motivos não identificados, não foi compreendido a separação entre mãe e filha. Mãe de 7 filhos, Mari possui guarda dos 5 filhos mais novos, no entanto, não mantém contato com os 3 mais velhos, pois foram retirados pelo conselho tutelar há alguns anos, desmanchando qualquer tipo de vínculo familiar.

Acompanhada por seu ex esposo, Mariana conta que casou-se 2 vezes, onde o primeiro relacionamento teve a duração 20 anos e deu fruto a todos os seus filhos. Após alguns conflitos conjugais, decidiram-se separar e poucos meses depois, Mari casou-se com o afilhado de seu ex esposo. Apesar da ligação afetiva entre seu ex parceiro e atual companheiro, todos possuem uma boa relação e convivem diariamente para proteção do grupo.

Mari inicia sua rotina aos arredores do supermercado Big Box (*clsw qd. 301 bloco B loja 24, 26 a 52 e 54 Ed. Av. Shopping, St. Sudoeste, Brasília*), onde seu atual companheiro trabalha como guardador de carros e considera o local um ambiente tranquilo e seguro para acordar.

A escolha de pernoitar próximo à mercados é estrategicamente planejada pelo aumento da probabilidade de arrecadar mantimentos, com a ajuda de consumidores dos estabelecimentos. A proximidade do local de permanência ao emprego informal do esposo e o sentimento de proteção em decorrência da segurança particular presente, compõem a decisão de se afastarem do centro mais movimentado como os setores comerciais ou o setores de hotelaria.

Apesar das justificativas de escolha do local de repouso, Mari explica que essa dinâmica é viável quando se está em grupo, onde há possibilidade de revezamento

de vigia entre os membros, pois o preconceito contra moradores de rua é uma realidade da cidade e há quem os façam algum mal físico ou psicológico por suas condições socioeconômicas.

Por volta das 9 horas da manhã, Mari segue, juntamente com seu ex companheiro em direção ao Centro PoP (*Conjunto C - Lote 78, SGAS I Setor de Grandes Áreas Sul 903*), garantindo a primeira refeição do dia e alguns suportes oferecidos pela instituição como psicólogos, auxílios governamentais, encontro com amigos, entre outros. Após usufruir das assistências, Mari espera as mamitas ofertadas na hora do almoço, para logo depois direcionar-se à Escola do Parque da Cidade - PROEM (*St. de Grandes Áreas Sul 909 A 27 - Asa Sul*), onde cursa o 1º ano do Ensino Médio.

Às 18 horas, horário de término das aulas, Mariana continua sua jornada, ao lado do ex companheiro em direção ao setor comercial sul para encontrar amigos e parentes antes de começar a trabalhar. Mari trabalha como garota de programa na região do setor comercial sul e setor hoteleiro sul, pontos pré estabelecidos para tais atividades.

Mariana começa o serviço por volta das 22 horas, garantindo um bom ponto na sua limitação territorial, onde programas variam de acordo com a demanda local, não tendo um horário fixo para finalizar tais atividades.

Mari sempre está acompanhada de seu ex parceiro, pois além da relação de afetividade e cumplicidade, a dupla possui ligação profissional, já que o mesmo garante as negociações de preço, tempo e segurança dos programas.

A rotina de Mariana é comum entre as moradoras de rua que utilizam a prostituição como profissão, demonstrando a importância do uso do espaço como fator primordial de desenvolvimento das negociações.

A topografia do espaço vincula a sensação hierárquica da profissão com a localização das profissionais, conectando indiretamente o valor do programa pelo ponto de permanência.

A organização do posicionamento das garotas é determinada pela “qualidade” do serviço, cujo a região mais alta da via S2 acomoda as meninas mais caras e o preço decresce ao longo do declive.

Apesar da comunidade local associar a hierarquia das atividades com a topografia, é perceptível a diferença na qualidade e manutenção na estrutura urbanística na região. Pela proximidade dos hotéis e comércio na parte mais elevada, é evidente a maior quantidade de mobiliários urbanos, melhores condições nas calçadas e qualidade na iluminação em relação a região mais baixa, conseqüentemente trazendo maior movimentação populacional no período noturno, trazendo maior poder aquisitivo para as garotas.

Os pontos de permanência das garotas de programa se encerra na parte inferior do cruzamento das vias S2 e L2, com a Catedral de Brasília (*Esplanada dos Ministérios lote 12 - Brasília, DF, 70050-000*) como ponto de referência. Essa área se traduz urbanisticamente como um ponto de “esquecimento”, eximida de equipamentos e mobiliários urbanos, cercada por extensos espaços verdes descampados, baixa qualidade de iluminação e com a ideia de túneis, consequência dos níveis dos viadutos de cruzamento das vias S2 e L2. Tais fatores facilitam o progresso de algumas atividades como venda e uso de drogas, abusos sexuais, roubos e furtos, violência de qualquer espécie, entre outros problemas.

É comum a movimentação e uso de drogas por parte das prostitutas e clientes, em razão de, o espaço e a problemáticas do espaço facilitarem tais práticas.

Em detrimento da maior facilidade de comunicação com a clientela, circulação entre os espaços e camuflagem das vistorias policiais, normalmente as mulheres são responsáveis pelo sustento financeiro e aquisição de drogas para o uso do grupo.

9.3.5 Soraya

Soraya

Idade: 34 anos

Filhos: Sim, Daiana

Etnia: Branca

Nacionalidade: Brasileira

Naturalidade: Paulista

Grau de Escolaridade: Ensino superior completo (História)

Renda: artesanato

Descrição: Solteira; com filha;

Vinda do interior de São Paulo, Soraya inicia nosso diálogo relatando sobre sentir-se livre e ter coragem desde pequena, lembrando que desde pequena corria com primos e amigos por pastos, matagais, sem se preocupar com os perigos ocorridos por ali. Pertencente à filosofia hippie, Soraya conta que desde nova sente a necessidade de pertencer aos lugares do mundo, alimentando o sentimento de liberdade, novas sensações experienciais e mutações dos espaços ao longo de sua jornada.

Após o nascimento de Daiana, Soraya conta que limitou a intensidade do estilo nômade, buscando oferecer mais conforto e comodidade a filha, contudo, mudou-se para Brasília há 5 anos, por consequência de violência doméstica.

Formada em história pela USP e ex professora, Soraya relata que apesar de já ter vivido uma vida “padronizada” pela sociedade, relata que ainda sente-se à vontade com a vida nômade, cujo o ambiente das ruas traz novos contextos, onde as convenções sociais tornam-se obsoletas ao longo da vivência, como fazer xixi em público, o que para mulheres de outras bolhas sociais seria inadequado, para ela é habitual, redefinindo cenários sociais.

Quando lhe é questionado sobre as sensações trazidas pelo contexto das ruas, Soraya conta que sente-se segura na maior parte do tempo mas que a hora de

dormir é o maior fator de insegurança e medo, principalmente depois de ter tido Daiana. O conselho tutelar é a preocupação de exposição, então Soraya opta sempre espaços que não tem um bom campo de visão da sociedade, onde ela pudesse ficar escondida e inserida em pequenos bandos para a proteção física de ambas.

Pequenas situações como menstruação, já a constrangeu depois do nascimento da primeira filha, Soraya relata que sangrou bastante e em uma das menstruações acabou sujando toda roupa, colchão, lençóis, cobertor e isso a afetou emocionalmente por não ter um banheiro público próximo, não poder se limpar de forma adequada, de madrugada.

Os banheiros do parque da cidade são os mais acessíveis da região, entretanto, vezes há dificuldade em acessá-los, necessitando a verificação de documentos. Soraya explica que apesar dos banheiros serem uma opção, não sente-se confortável a usá-los, pelas estratégias da administração de rejeitar à presença desse grupo social, sendo agradável somente para atletas que praticam atividades e precisam se higienizar logo após.

Os banheiros tem funcionamento de 6h às 22h, contudo, esporadicamente é possível burlar as regras para casos emergenciais.

Soraya relata sua estratégias de proteção nas ruas, mencionando que busca estar sempre em grupos. Acostumada em viver em acampamentos temporários, sendo eles o Ulysses Guimarães e atrás da Funarte, acompanhada por mais de 30 pessoas.

Pelo contexto do estilo de vida, é citado a boa relação entre o grupo e a segurança local. Porém, um conflito pessoal entre integrantes do grupo, extinguiu a permanência do assentamento no espaço.

Não frequenta a rodoviária por não se sentir confortável no local afinidade com as pessoas de habitam esse espaço.

O principal incentivo de viver nessas comunidades era a relação afetiva e interesses compatíveis entre os constituintes, onde diversos artistas, de diferentes partes do Brasil e do mundo trocavam experiências e conexões criativas.

Soraya trabalha com produção e venda de artesanato, fator eminente de estímulo de caminhar pela cidade.

Soraya foi viajante por 8 anos, mas ao engravidar, deparou-se com a vontade de estabelecer-se em um ponto fixo, prezando a estabilidade e maior sensação de pertencimento e segurança, mas sem comprometer a lóbulo pela liberdade de transitar pela cidade.

Soraya relata que por não gostar da posição de pedinte, o artesanato foi saída a qual é compatível para a dinâmica de sobrevivência, gerando a renda familiar e/ou sendo utilizada como escambo.

Apesar de apreciar o estilo de vida escolhido, Soraya entende que a liberdade teve um preço, a falta de estabilidade espacial, ausência de conforto e pontos referenciais como habitação, trazem perspectivas negativas na rotina da filha.

Após a aquisição da vaga escolar para filha, Soraya almeja mais estabilidade para oferecer melhores condições de vida para Daiana, mas não descarta a possibilidade de voltar a dinâmica de viagens temporárias, mesclando seus ideais à padrões imposto pela sociedade.

Soraya mostra que sua realidade destoa da maioria das mulheres em situação de rua, visto que não passa pela realidade de vícios de drogadição e alcoolismo, mesmo compartilhando o mesmo meio que as outras. Relata que a rua deve ser pensada para elas também, esclarecendo que, embora frequente o mesmo meio, as mulheres que fazem o uso, especialmente quando excessivo, tendem a estar mais vulneráveis na cidade.

A vulnerabilidade se aproxima da realidade de prostituição, violência, abusos em geral e Soraya encontra-se em uma posição de minoria/exceção de acordo com a realidade que vive.

Soraya declara que em algumas circunstâncias vividas, sentiu a necessidade da presença de um companheiro por segurança, especialmente para as horas de repouso noturno, embora contradiga parcialmente seus princípios feministas.

Atualmente, encontra-se sem a figura masculina, contudo, substituiu tal estratégia buscando acompanhar grandes grupos para a preservação da integridade física e criação de vínculos afetivos entre os companheiros.

A respeito dos critérios de urbanidades, há preferência em passar por lugares mais movimentados, reforçando a experiência na cidade.

Costumava dormir no setor comercial por não se sentir insegura e por ter uma ligação afetiva com as pessoas e espaço. Entretanto, atualmente se incomoda pela presença policial, por questionamentos quanto a presença de sua filha e tem medo da perda da guarda judicial.

Percebe-se também, a sensação de acolhimento é maior na região do setor comercial sul, complementando que o espaço possui essa mesma representação pela comunidade em situação de rua.

Por se enquadrar nesse subgrupo, compreende nuances negativas quanto ao tratamento da sociedade em relação a sua presença, mesmo ela destoando do contexto.

Situações de expulsões em instituições públicas como hospitais já ocorreram mesmo tendo ciência de seus direitos como cidadã. Soraya sente a falta de banheiros públicos pelos espaços de Brasília, apesar de não sentir-se retraída utilizar espaços públicos para as necessidades fisiológicas. A compreensão que tal atitude traz malefícios para a cidade, causando mau cheiro e sujando um local que outras pessoas poderão dormir. Embora o CAPS tenha banheiros, geralmente os moradores de rua não são autorizados a utilizá-los, sendo obrigados a esperar iniciativas privadas para melhorias.

O senso de coletividade expande a vontade de atitudes que preze o bem estar físico, mas que é impedido por não ter as funcionalidades para as pessoas (banheiros e mobiliários). Soraya sente falta do cuidado do Estado com as pessoas em situação de rua, relatando que há grande potencialidade de diversidade e cidadania.

As pessoas que se encontram em situação de rua, não necessariamente querem uma moradia fixa. Logo, a proposta de equipamentos e mobiliários urbanos

pensados para as necessidades básicas como banheiros, espaços para higiene pessoal e higienização de vestimentas, entre outros, seriam formas positivas de criar vínculos de pertencimento ao local, trazendo melhores condições de qualidade de vida e liberdade de decisão ao grupo estudado.

A rua é um refúgio para as multiplicidades populacionais como problemas psiquiátricos, mudanças econômicas, dificuldades de encaixe ao padrão social imposto, etc. A rua apesar de ter um contexto intenso e agressivo, é atrativa pela dinamicidade e movimentação. Apesar da intensidade nos sentimentos de agressividade, violência, também desperta a solidariedade entre o grupo social.

Contudo, Soraya não percebe a sororidade entre as mulheres das ruas, visualizando um sistema competitivo entre elas em todas as esferas. Soraya se incomoda com o olhar de dó das pessoas de outros contextos, como se aquela situação destoante não pudesse ser uma questão de escolha ou a incapacitação dos moradores de rua de poderem viverem de uma outra maneira.

A falta de discussões no meio sobre feminismo, sororidade, política, reflete algumas isenções de busca pelo direito de cidadania por parte desse grupo, Soraya relata.

Soraya não viu necessidade de se camuflar para se sentir protegida, sua estratégia de sempre buscar boas relações e empatia com o meio, ganhando respeito dos colegas, desenvolvendo o papel materno da comunidade.

Ao falar do tempo livre para lazer, Soraya relata o sentimento pela dinamicidade do centro em relação às regiões periféricas. O apreço pelas atividades culturais como teatros de rua próximo à Funarte, forró na Torre de tv, apresentação de palhaços no parque da cidade, entre outros.

No entanto, ainda sente falta de eventos mais acessíveis, percebendo um caráter mais elitista nos eventos da cidade.

Soraya acredita que a região da Asa Norte é menos utilizada por essa população por ter um traçado mais espaçado entre os edifícios, com menor fluxo de pedestres durante à noite e parecer mais elitizada, com maior dificuldade de eventos culturais acessíveis.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“A influência dos espaços urbanos no comportamento das mulheres em situação de rua no Plano Piloto de Brasília”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as): UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Ana Paula Borba Gonçalves Barros

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Rayssa Vidal Macedo de Brito

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender a influência dos espaços públicos inerentes ao espaço modernista no comportamento das mulheres em situação de rua, especificamente no Plano Piloto de Brasília.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser mulher e fazer parte deste grupo de pessoas em situação de rua.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder perguntas referentes ao seu dia a dia nas ruas.
- O/os procedimento(s) é/são realizar uma entrevista que será gravada com o seu consentimento para a preparação de relatórios.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada nas ruas em local que seja conveniente aos participantes.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos.
- Por se tratar de uma pesquisa que vai lidar com mulheres em situação de rua, algumas medidas preventivas serão tomadas durante as entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo, como por exemplo, caso haja algum desconforto emocional perante a respondente, as pesquisadoras, de imediato, não continuarão com a entrevista.
- Ou seja, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca da temática focalizada na presente pesquisa.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

outras pessoas.

- Os dados e instrumentos utilizados (por exemplo, os áudios) ficarão guardados sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Paula Borba Gonçalves Barros e Rayssa Vidal Macedo de Brito com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Ana Paula Borba Gonçalves Barros, celular 999686116/telefone institucional 3966-1303

Rayssa Vidal Macedo de Brito, telefone/celular 982771293

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: UniCEUB

Endereço: SEPN 70/907

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: Asa Norte/70790-075

Telefones p/contato: 3966-1511